

**Instituto Superior de Psicologia Aplicada**



**A INFLUÊNCIA DA IDADE, DO GÊNERO E DA SABEDORIA NA ANSIEDADE FACE  
À MORTE EM ADULTOS IDOSOS**

**Ana Patrícia Casaca Vitorino**

**12304**

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

A INFLUÊNCIA DA IDADE, DO GÉNERO E DA SABEDORIA NA ANSIEDADE FACE  
À MORTE DOS ADULTOS IDOSOS

**Ana Patrícia Casaca Vitorino**

Dissertação orientada pelo Prof. Doutor António Diniz

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

**Mestre em Psicologia**

Especialidade em Psicologia Clínica

**2008**

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Prof. Doutor António Diniz, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº19673 publicado em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro de 2006.

## Agradecimentos

Ao chegar até aqui, após uma longa jornada académica, algumas pessoas juntaram-se a mim e sem as quais todo este meu percurso seria impossível. Antes de mais, dedico este trabalho aos meus avós, sobretudo ao velhinho mais querido, o meu avô, que me demonstrou a enorme sabedoria e com quem aprendi muito a vários níveis.

Em segundo lugar, gostaria de agradecer à minha família, pelo seu incondicional apoio. Aqui quero destacar os meus pais, pois sem eles nada disto era possível. É a eles que agradeço todos os sacrifícios que fizeram para que hoje eu possa ser aquilo que tanto quero ser – psicóloga –, mas também tenho a agradecer-lhes todo o apoio e ajuda nas piores horas da minha vida e do meu curso, e o facto de nunca me abandonarem. Não me posso esquecer também do meu namorado, pela enorme paciência que teve e ajuda que me proporcionou ao longo destes anos, bem como da enorme contribuição do meu irmão e da minha cunhada – os meus adorados sobrinhos, a quem devo toda a minha saúde mental, pois as suas constantes interrupções impediram-me de ser uma *workaholic*.

Quero também agradecer ao Prof. Doutor António Diniz, sem o qual este trabalho não existiria, pela sua orientação, apoio, disponibilidade e paciência para o turbilhão de dúvidas que acompanharam todo este processo. Por último, mas não menos importantes, quero agradecer a todos aqueles (aos idosos e aos directores e funcionários das instituições) que tornaram este trabalho possível.

Assim, o meu muito Obrigada a todos!

## Resumo

Constatado que não havia sido estudada a relação entre a Sabedoria e a Ansiedade Face à Morte (AFM) em adultos idosos, os objectivos deste trabalho consistiram na validação da versão portuguesa da *Self Assessed Wisdom Scale* (SAWS; Webster, 2003) e no estudo da relação entre essas variáveis e delas com a idade e o género. Usou-se também a versão portuguesa da *Revised Death Anxiety Scale* (RDAS; Thorson & Powell, 1994) validada para a população idosa por Carvalho, Diniz e Ribeiro (2008). Os 397 participantes (leque etário = 65-97 anos;  $M = 74$ ) que voluntariamente colaboraram no estudo eram residentes na comunidade. Recorrendo à análise factorial confirmatória (LISREL8.53), a estrutura pentadimensional oblíqua da SAWS apresentou boa validade discriminante em todas as dimensões, e uma boa consistência interna e validade convergente apenas em três delas. No segundo estudo, foi testado o Modelo Preditor da AFM em Adultos Idosos, em que a idade (terceira vs. quarta idade) e o género foram tidos como antecedentes das dimensões Experiência de Vida e Reminiscência e Reflexividade da Sabedoria e também da AFM. Verificou-se que a idade e a Reminiscência e Reflexividade foram as únicas boas predictoras da AFM.

Palavras-Chave: idosos, sabedoria, ansiedade face à morte, psicometria aplicada.

## Abstract

Evidenced that hadn't been studied the relation between Wisdom and Death Anxiety (DA) in aged adults, the aim of this work had consisted in validation of the Portuguese version of Self Assessed Wisdom Scale (SAWS; Webster, 2003) and in the study of the relation between these variables and of them with age and gender. We used too the Portuguese version of Revised Death Anxiety Scale (RDAS; Thorson & Powell, 1994) validated for aged population by Carvalho, Diniz and Ribeiro (2008). The 397 participants (aged = 65-97 years;  $M = 74$ ) that voluntarily had collaborated in this study were resident in community. Appealing to confirmatory factorial analysis (LISREL8.53), the oblique pentadimensional structure of SAWS presented a good discriminant validity of all dimensions, and a good internal consistency and a good convergent validity only in three of them. In second study, was tested the Predicted Model of DA in aged adults, where age (third vs. fourth age) and gender had been had as antecedent of dimensions Life Experience and Reminiscence and Reflectiveness of Wisdom and also of DA. It was verified that age and Reminiscence and Reflectiveness had been the only good predictor of the DA.

Key-Words: elder, wisdom, death anxiety, applied psychometry

A Sabedoria e a Ansiedade Face à Morte (AFM) são constructos complexos e controversos, inseridos num fascínio milenar, porém, a sua investigação na área da Psicologia ainda é muito recente. Como estes constructos estão intrinsecamente relacionados com o envelhecimento, e como se verifica um crescimento da população adulta idosa, quer a nível mundial (ver Kinsella & Velkoff, 2001), quer a nível nacional (ver Instituto Nacional de Estatística, 2002, 2006), torna-se urgente o contributo psicológico para uma visão positiva do desenvolvimento. Isto é possível através do confronto entre atributos positivos (Sabedoria) e negativos (AFM) do desenvolvimento, bem como da adaptação de provas direccionadas e ajustadas à população adulta idosa.

Para Webster (2007) “a sabedoria é a *competência* em, a *intenção* para e a *aplicação* de, experiências *críticas* de vida que facilitam um *desenvolvimento óptimo* do *próprio* e dos *outros*” (p.164, sublinhados do autor); é um objectivo da vida heurística, que visa o bem-estar do próprio e dos outros (Baltes, Staudinger & Lindenberger, 1999); é uma matéria da mente, do carácter e da virtude, que congrega a união de atributos cognitivos, afectivos e reflexivos, e é um constructo de cariz peculiar, cultural e universal, que mostra a evolução cultural e o trabalho cooperativo associado ao discurso (Baltes, 2004). O cariz universal tem subjacente o conhecimento colectivo (enraizado no social e na colectividade), os atributos individuais (personalidade), os modos de pensamento (cognição) e os tópicos metafísicos. A sabedoria é, ainda, o resultado de um caminho positivo da evolução pessoal e intelectual (Baltes, 2004), e desenvolve-se em contextos que promovem uma múltipla interacção da mente (Staudinger & Baltes, 1996).

A sabedoria é um constructo difícil de definir, concordando os autores que ele é complexo, multidimensional (Taranto, in Ardelt, 1997; Webster, 2003) e uma propriedade pessoal (Sternberg, 2004, 2005). No entanto, esta concordância não abrange o número de dimensões, sabendo-se apenas que estas actuam de modo holístico (Webster, 2003) e integram elementos cognitivos, reflectivos e afectivos (Ardelt, 1997, 2000a, 2000b; Ardelt, in Kunzmann & Stange, 2007; Coleman & O’Hanlon, 2004). Dado que é um conceito distinto de outros que apreendem a integração do intelecto e do carácter, o seu progresso e aperfeiçoamento requer uma união entre o contexto (tais como o género, a cultura e a rede social do sujeito), os factores individuais (como por exemplo, as capacidades intelectuais, os traços de personalidade, ou a disposição emocional) e os factores inerentes à perícia (provenientes de determinadas experiências de vida, da prática profissional e da recepção e transmissão de conhecimentos) (Baltes & Staudinger, 2000; Kunzmann & Stange, 2007).

Porém, nem todos os factores se encontram num só indivíduo, sugerindo Assmann (in Baltes, 2004), a concepção de múltiplas sabedorias em detrimento de uma única.

Esta incongruência levou à criação de diversas perspectivas explicativas, como a de Baltes e colaboradores com o estudo de Berlim, de Sternberg que integra o estudo da sabedoria relacionada com a inteligência e a criatividade, e de Ardelt. Todavia, apenas nos vamos reportar à teoria do Webster (2003, 2007), o qual sugere cinco dimensões constituintes da sabedoria, que interagem de modo holístico – Experiência de Vida, Regulação Emocional, Reminiscência e Reflexividade, Humor e Abertura à Experiência. Enquanto a Experiência de Vida e a Reminiscência e Reflexividade se relacionam mais com a idade, a Regulação Emocional, o Humor e a Abertura à Experiência ligam-se à personalidade.

Para Webster (2003, 2007) a sabedoria, no que toca à Experiência de Vida, emerge da resolução positiva dos problemas fundamentais da vida e duma adaptação das estratégias de *coping* em ambientes stressantes. No que concerne à Regulação Emocional, esta consiste em reconhecer, empregar e abraçar as emoções de um modo construtivo (Webster 2003, 2007), e é uma dimensão que evolui à medida que a idade avança (Blanchard-Fields & Hess, Carstensen, Labouvie-Vief, in Baltes, 2004). A Reminiscência e Reflexividade são consideradas uma reflexão avaliativa da vida passada e presente do próprio, que inclui a formação e manutenção de identidade, a auto-compreensão, a resolução de problemas e a adaptação de estratégias de *coping*. Esta dimensão encontra-se frequentemente nos jovens adultos e adultos idosos (Webster & McCall, 1999). Além disso, é um fenómeno natural que pode ser induzido intencionalmente face a um propósito peculiar, ou seja, a reminiscência é o processo de evocar acontecimentos experimentados pelo próprio no passado (Webster & McCall, 1999), e é pensada como um mecanismo que conduz à integridade do ego e se desenvolve na idade adulta (Erikson, in Webster, 2003). A Abertura à Experiência, por um lado, permite aos sujeitos considerar pontos de vista alternativos, potenciais soluções e estratégias para ultrapassar problemas difíceis, enquanto o Humor como dimensão da sabedoria e num sentido positivo, permite, por outro lado, que os indivíduos o reconheçam, o desfrutem e o apliquem numa multiplicidade de contextos (Webster, 2003, 2007). Webster conclui que a sabedoria é uma conjugação de cinco dimensões interdependentes, onde cada uma por si só é insuficiente. Assim, o indivíduo só é reconhecido como sábio, quando estas dimensões são holisticamente articuladas num grau elevado.

Por outro lado, Webster (2003, 2007), tal como Ardelt (1997, 2000a, 2000b, 2004), interessa-se mais pelo produto final da sabedoria, em vez do processo, como fazem Baltes e colaboradores (1993, 2000) e Sternberg (2005). Ainda relativamente à operacionalização do

constructo, este é tomado, variando entre uma metodologia qualitativa (aplicação de protocolos sobre a dificuldade e a incerteza dos dilemas da vida) e quantitativa (escalas e questionários). Esta última integra a maioria dos estudos, e é exemplo disso a Escala de Auto-Avaliação da Sabedoria (EAAS; Amado, 2008; Diniz, 2007a) versão portuguesa da *Self Assessed Wisdom Scale (SAWS; Webster, 2003, 2007)*, e a *Three-Dimensional Wisdom Scale (Ardelt, 2003)*.

No que respeita ao estudo da sabedoria, esta tem sido relacionada com distintas variáveis, sobretudo com a idade e o género. Concernente à idade, os estudos feitos são na sua maioria transversais e obtêm resultados distintos (Sternberg, 2005), ou seja, uns advogam a sapiência do adulto idoso (Ardelt, 2000a, 2003, 2004; Baltes & Smith, in Fonseca, 2006; Baltes & Staudinger, 1993; Sternberg, in Glück & Baltes, 2006; Takahashi & Overton, 2002; Wink & Helson, 1997), outros defendem o contrário (Baltes & Staudinger, 2000), e outros não encontram diferenças significativas (Baltes & Staudinger, 1993; Baltes, Staudinger, Maercker & Smith, 1995; Marchand, 1998; Smith & Baltes, 1990; Webster, 2003, 2007; Webster & McCall, 1999). Contudo, os autores são unânimes quando dizem que a idade, por si só, é insuficiente para a sabedoria (Glück & Baltes, 2006; Sternberg, 2005; Webster, 2007). Quanto ao género, Orwoll e Achenbaum (1993) dizem não haver diferenças significativas, obtendo as mulheres melhores resultados na dimensão afectiva explícita (Webster, 2003) e os homens na dimensão cognitiva (Ardelt, in Webster, 2003). Contudo, apesar dos estereótipos associados ao género, este não é uma condição base para o desenvolvimento da sabedoria.

Enquanto que a sabedoria é considerada uma utopia, a morte, por outro lado, é bem real e além de se impor a todas as gerações e estar na origem de muitas perturbações psicológicas (Oliveira & Neto, 2004), caracteriza-se por um receio e uma ansiedade, que advêm da sua existência e finalidade. A morte é “um fim natural da vida” (Fontaine, 2000, p.175) e um fim irreversível de todas as funções corporais e mentais (Cicirelli, 2001). A ansiedade é um estado afectivo inconsciente que pende para o perigo ou ameaça e que usa vários mecanismos de defesa para manter essa ameaça no inconsciente (Wass & Myers, 1982); é a “emoção gerada pela antecipação de um perigo vago, de difícil previsão e controlo” (Doron & Parot, 2001, p.67). Assim, a Ansiedade Face à Morte (AFM) é uma experiência humana comum e desagradável (Khalek, 2002) que alude ao stress despoletado pelo aumento de consciência da morte do próprio (Kastenbaum, in Santos 2005) e resulta no medo da morte e do morrer sentido pelos sujeitos (Tomer, in Fry, 2003). É uma reacção emocional negativa incitada pela antecipação de um estado em que o próprio deixa de existir, através da aniquilação do *self*, e

que se relaciona com diversos tipos de crenças: crenças sobre o sentido da morte, sobre o *self*, e sobre o próprio mundo (Tomer & Eliason, 2000a, 2000b).

Contudo, certos estudos evidenciam que apenas uma pequena minoria parece realmente ter medo da morte (Kastenbaum & Costa, in Thorson & Powell, 1988), pois esta pode ser encarada de um modo positivo (Oliveira & Neto, 2004). Assim, Feifel e Nagy (in Oliveira, 2002), explicam que as pessoas com mais medo da morte vêem-na mais negativamente, têm mais pensamentos sobre esta e temem-na mais à medida que envelhecem. É por isso, que o medo de um processo prolongado e do abandono na hora da morte constitui as duas preocupações principais da população adulta idosa no Ocidente (Neimeyer & Moore, Wass & Neimeyer, in Fry, 2003). Para Oliveira e Neto (2004) “a aceitação da morte constitui certamente um dos maiores sinais de maturidade humana” (p.355), e esta maturidade prediz melhor a AFM que a idade (Rasmussen & Brems, in Oliveira & Neto, 2004).

Por sua vez, Cicirelli (2001), para uma compreensão objectiva da morte, diz ser necessário a construção de significados subjectivos individuais. Estes constituem interpretações cognitivas dos objectos e dos eventos associados à morte, provenientes das experiências pessoais e associadas às relações emocionais (Balk, 2003), ou seja, o modo como o indivíduo vê e interage com a morte depende deste significado pessoal. Cicirelli (2001) menciona ainda que aquilo que as pessoas temem é antes o processo de morrer, e não a morte em si.

No que respeita à operacionalização da AFM, esta alterna entre a unidimensionalidade (Oliveira, 1998), e a multidimensionalidade (Khalek, 1998; Oliveira & Neto, 2004; Santos, 2005; Tomer, Eliason & Smith, 2000). Porém, os autores que advogam a multidimensionalidade, não chegam a um consenso quanto ao número de dimensões, (Benton, Christopher & Walter, 2007; Khalek, 1998; Oliveira, 2002), o que levou à criação de várias teorias, como o Modelo Compreensivo da AFM de Tomer e Eliason, (1996, 2000a), a visão bidimensional de Cicirelli (in Carvalho, Diniz & Ribeiro, 2008), a *Terror Management Theory (TMT)*; McCoy, Pyszczynski, Solomon & Greenberg, 2000), a Teoria da Separação (Firestone, in Basset, 2007), entre outras.

No modelo compreensivo da AFM (Tomer & Eliason, 1996, 2000a), defende-se a existência de três componentes directamente intervenientes: a culpa relacionada com o passado, a culpa relacionada com o futuro e o significado da morte. As duas primeiras aludem à culpa induzida pela contemplação da própria morte, referindo-se o próprio aos objectivos que não concretizou e que não conseguirá concretizar, enquanto a última se reporta a uma conceptualização individual da morte como positiva ou negativa. De acordo com o modelo, o indivíduo terá elevados níveis de AFM quando sentir muita culpa quer em relação ao passado,

quer em relação ao futuro e perceber a sua morte como sem sentido. Por isso, os autores defendem que a saliência da morte se vai associar a estes intervenientes do seguinte modo: (1) por activação directa de sentimentos de culpa e pensamentos relativos a uma morte sem sentido; (2) pela modificação das crenças do próprio sobre este e o mundo; e, (3) pela activação de diversos mecanismos de *coping* (revisão e planeamento da vida, identificação com a cultura do próprio, processos de auto-transcendência, ...). Com o aumento da AFM, devido a resultados negativos destes processos, a saliência da morte pode afectar o auto-conceito e a auto-estima. Por fim, os autores dizem que uma percepção da morte como algo significativo pode reduzir a AFM.

Outra teoria existente é a *TMT* (McCoy et al., 2000), a qual propõe que o medo da morte resulta da nossa capacidade de auto-reflexão, onde o confronto entre a inevitabilidade da morte e o nosso desejo de imortalidade despoleta um potencial terror paralisante (Martens, Goldenberg & Greenberg, 2005). De modo a protegerem-se contra este medo, os sujeitos afastam-no da consciência, quer através dos efeitos culturais sobre a auto-estima do próprio, na medida em que a auto-estima protege os indivíduos da ansiedade proveniente da consciência da própria mortalidade (Tomer & Eliason, 2000a), quer pelo recurso a mecanismos de defesa (McCoy et al., 2000). De acordo com McCoy e colaboradores (2000) e Martens e colegas (2005), a construção cultural ao associar-se aos nossos esforços de controlar e comandar o nosso universo promove uma forma de imortalidade simbólica. Esta imortalidade simbólica pode ser vista como uma reflexão individual sobre um futuro que o sujeito não pode assistir, na medida em que está para além do seu tempo de vida, permitindo-lhe, assim, lidar com a AFM (Leff, 1999).

Esta teoria, também sugere um processo dual, que compreende as defesas distais e proximais (Smieja, Kalaska & Adamczyk, 2006). As defesas proximais incorporam as tentativas de suprimir as preocupações face à morte através do deslocamento do problema da morte para um futuro distante, enquanto as defesas distais, as quais são mais indirectas e simbólicas, incluem as tentativas de modificar as percepções pessoais dos indivíduos e do mundo no qual eles se integram (Pyszczynski, Greenberg & Solomon, in Smieja et al., 2006). Estas defesas encontram um sentido na cultura e nos valores não só para atenuar o potencial terror que o conhecimento da morte cria, mas também para lidar com o conhecimento inconsciente da inevitabilidade da morte ao permitir que o sujeito se veja como um contribuinte de valor para uma realidade eterna significativa. No entanto, com a entrada destes pensamentos na consciência, as defesas distais desactivam-se, enquanto entram em funcionamento as defesas proximais (McCoy et al., 2000).

Uma outra explicação para a AFM, encontra-se no modelo transaccional de Cicirelli (2003), que advoga que o medo da morte inicia um período de transição e envolve uma reorganização cognitiva e emocional, incluindo a reinterpretação da visão da morte e da vida, de modo a reduzir os medos desta e eventualmente aceitá-la. Este período de transição, que ocorre entre os 75 aos 84 anos, termina por volta dos 85 anos, altura em que os adultos idosos aceitam a morte e preparam-se para viver este último estágio da vida eficazmente (Cicirelli, 2003). O autor diz ainda que lidar com o medo da morte e aprender a aceitá-la, pode envolver um importante processo de adaptação no último estágio da vida. Este medo da morte, ou seja, o medo ou ansiedade causado pela antecipação de um estado no qual o próprio está morto (Tomer, in Cicirelli, 2003) tem sido fortemente reconhecido como um conceito multidimensional (Neimeyer & Van Brunt, in Cicirelli, 2003). Para tal, Cicirelli (1998) relacionou oito dimensões da Escala do Medo da Morte de Lester (*Lester Fear of Death Scale*) que remetiam para significados da morte, e percebeu que a Extinção, a Transcendência e o Legado, eram as dimensões mais relacionadas com o medo da morte.

Mais tarde, Cicirelli (in Benton, Christopher & Walter, 2007) aplicou a *Multidimensional Fear of Death Anxiety* (Hoelter, 1979) a uma amostra de adultos idosos, a qual revelou duas componentes: AFM do desconhecido e AFM do conhecido. O autor entende por AFM do desconhecido o medo de aniquilação, a qual representa o núcleo da *TMT* e contém o medo do desconhecido, para além de ser considerada como uma AFM existencial, que lida com assuntos que surgem depois da morte. Por outro lado, a AFM do conhecido não se relaciona com a aniquilação e pode ser considerada uma AFM tangível, ou seja, a ansiedade resulta daquilo que acontece com o corpo enquanto o próprio está a morrer ou depois da sua morte. Assim, a imortalidade simbólica pode prevenir a AFM existencial, porque apesar da existência física poder terminar, a pessoa pode viver através da sua contribuição a uma entidade maior (Cicirelli, in Benton, Christopher & Walter, 2007). Além disso, Cicirelli (in Santos, 2005), advoga que o medo da morte na população adulta idosa é previsível cerca dos 80 anos, reproduzindo a tensão existente entre a necessidade de sobrevivência e a consciência do limite de tempo desta.

Apesar do modelo adoptado e das dimensões defendidas, os autores concordam que para enfrentar a AFM, um conjunto de mecanismos de defesa são postos em acção, como o conforto na religião, a afiliação aos outros, os problemas centrados no *coping*, a generatividade e a reorganização cognitiva (Cicirelli, 2003), ou pelo recurso a mecanismos psicodinâmicos como a negação, a repressão, a projecção, a formação reactiva, o isolamento, a identificação introjectiva e projectiva (Langs, 1997). Mas, como Firestone (1993) refere, as

defesas psicológicas surgem antes da noção de morte, o que o leva a sugerir que o medo da morte era um fenómeno psicológico universal que todas as pessoas experimentavam mas negavam. É através desta negação que as pessoas são capazes de funcionar no dia-a-dia, sem serem pressionadas pela ansiedade (Firestone, in Bassett & Dabbs, Jr. 2003). No entanto, e apesar desta negação da morte, Kastenbaum (in Bassett & Dabbs, Jr. 2003), reportou que 93% dos sujeitos quando questionados sobre um mundo sem morte, responderam negativamente, listando consequências disso, contudo 88% dos estudantes preferiam um mundo sem um cenário de morte (Kastenbaum, 1996).

Relativamente à mensuração da AFM, esta pode ser medida através de métodos qualitativos, como por exemplo, o *Implicit Association Test (IAT)* (Greenwalf, McGhee & Schwartz, in Bassett & Dabbs, Jr. 2003), concebido para avaliar a rapidez pela qual as pessoas podem dar respostas numa demanda de juntar conceitos na mente. Porém, aquele que é o método mais usado é o quantitativo. Balk (1995) menciona alguns exemplos de escalas e questionários que integram este método: *Collet-Lester Fear of Death Scale* (Lester); *Threat Index* (Neimeyer); *Multidimensional Fear of Death Scale* (Neimeyer e Moore); *Death Attitude Profile-Revised* (Wong, Reker e Gesser); *Bugen's Coping with Death Scale and Death Self-Efficacy Scale* (Robins); *Death Anxiety Questionnaire* (Conte, Weiner e Plutchik); *Revised Death Anxiety Scale* (Thorson e Powell).

Deste conjunto de instrumentos, os mais usados em Portugal são o *Death Anxiety Questionnaire (DAQ)* e a *Revised Death Anxiety Scale (RDAS)*. O *DAQ* é uma prova de fácil administração, que considera a multidimensionalidade da AFM e apresenta uma boa fidelidade, validade discriminante dos itens, validade de conteúdo e validade concorrente (Conte, Weiner & Plutchik, 1982). A *RDAS*, por outro lado, também é um instrumento multidimensional designado para avaliar níveis de AFM entre grupos. Os constructos avaliados são o medo da inexistência, ansiedade sobre a incerteza e a vida depois da morte, medo da dor, ansiedade em espaços fechados, medo do desamparo ou de perder o controlo, e medo da decomposição (Thorson & Powell, 1992, 1994).

Quanto ao estudo da AFM, esta foi correlacionada com a personalidade, o bem-estar subjectivo, a qualidade de vida (Santos, 2005), a religião (Thorson & Powell, 1990), a raça, a ocupação, a semelhança familiar, a aptidão mental, o suicídio, a psicopatologia, a doença e saúde física (Khalek, 1998), a institucionalização (Thorson & Davis, 2000), a idade, o género, e a interculturalidade (Oliveira, 1998, 2002).

Contudo, aqui apenas nos cingimos à relação da AFM com a idade e o género. Em relação à idade, os estudos, na sua maioria transversais, têm resultados díspares (Fortner & Neimeyer,

1999; Kastenbaum, in Tomer & Eliason, 1996, 2000a; Santos, 2005). Para alguns autores, a AFM aumenta com a idade (Madnawat & Kachhawa, 2007; Suhail & Akram, 2002), para outros diminui com esta (Cicirelli, 2001, 2003; Feifel & Branscomb, in Neimeyer, Wittkowski & Moser, 2004; Gesser, Wong & Recker, in Thorson & Powell, 1988, 1990; Kastenbaum, in Russac, Gatliff, Reece & Spottswood, 2007; Oliveira, 2002; Rasmussen & Brems, 1996; Thorson & Powell, 1994; Tomer et al., 2000), e para outros, ainda, não existe uma relação entre a idade e a AFM (Conte et al., 1982; Fortner, Neimeyer & Rybarczyk, 2000). Assim, os autores constataam que a AFM varia ao longo da vida, e alguns chegam mesmo a defender que ela diminui até à idade adulta, mas aumenta (Oliveira, 2002) ou estabiliza (Cicirelli, 2001; Fortner & Neimeyer, 1999) na terceira idade. Por outro lado, Baltes e colaboradores (in Santos, 2004) referem que os adultos idosos se preocupam mais com o bem-estar dos amigos e da família, do que propriamente com a morte.

Quanto ao género, a maioria dos estudos demonstram resultados estatisticamente não significativos (Cavanaugh, in Santos, 2004; Ens & Bond, 2005; Fortner & Neimeyer, 1999; Fortner, Neimeyer & Rybarczyk, 2000). No entanto, alguns estudos evidenciam uma maior AFM nas mulheres (Depaola, Griffin, Young & Neimeyer, 2003; Fortner & Neimeyer, 1999; Madnawat & Kachhawa, 2007; Oliveira, 2002; Russac et al., 2007; Thorson & Powell, 1988; Tomer et al., 2000; Walker & Maiden, 1987), demonstrando estas um pico secundário de AFM durante a meia-idade, estabilizando por volta dos 60 anos (Fortner & Neimeyer, 1999; Russac et al., 2007). Na *RDAS*, as mulheres demonstram maior medo da decomposição corporal, e menos medo da inexistência (devido à religião) e sentimento de culpa (Tomer et al., 2000). Simões e Neto (1994) dizem que as mulheres são mais apreensivas em algumas áreas específicas da morte do que os homens.

Da revisão de literatura constata-se que as investigações realizadas sobre a sabedoria, apesar de poucas, são em alguns aspectos inconclusivas, nomeadamente no que concerne à idade e ao género. O mesmo se sucede no campo da AFM, onde os estudos também apresentam incongruências relativamente a estas duas variáveis sócio-demográficas, mas nesta área surge ainda a incongruência referente à dimensionalidade do constructo. Talvez esta incoerência entre os estudos dos dois constructos se relacione não só com características particulares dos mesmos, como por exemplo as dimensões das amostras, a metodologia utilizada para abordar os problemas, mas, sobretudo, com a fraca validade e fidelidade dos instrumentos utilizados. Este é um dos maiores problemas reportados nas investigações, e que levaram autores como Kastenbaum e Costa (in Santos, 2005) a pôr em causa a utilidade dos questionários para operacionalizar correctamente as variáveis.

Por fim, encontram-se ainda na literatura evidências que estabelecem um ponto de ligação entre a Sabedoria e a Ansiedade Face à Morte, porém esta relação ainda não se encontra estudada. Erikson (in Nehrke, Bellucci & Gabriel, 1977-78; Tomer et al., 2000; Vandenplas-Holper, 2000) pensa a sabedoria como o resultado da solução de crises finais, que ocorrem na idade adulta quando a pessoa enfrenta a sua morte ou o processo de morrer. A aceitação da morte é, então, vista como um atributo da sabedoria, onde a pessoa sábia, ao ter poucos projectos pendentes, sente que a sua vida teve significado e aceita a morte (Tomer & Eliason, 1996, 2000a). Webster (in Webster & McCall, 1999), também verificou um aumento com a idade na preparação para a morte, sugerindo que os adultos idosos, ao contrário do que se observa com os jovens adultos, pensam e falam mais sobre ela. Além disso, os adultos idosos ao confrontarem-se com a sua própria morte tentam dar-lhe um sentido, um significado, um propósito e uma identidade. A sabedoria é, então, vista como uma capacidade de lidar com os assuntos internos da vida e supõe a aptidão pessoal de enfrentar a morte com serenidade, segurança e confiança (Santos, 2005). A investigação mostrou também que a Reminiscência e Reflexividade, enquanto dimensões da sabedoria, e a construção de autobiografias são vistas como mecanismos de  *coping*  na AFM, e constituem respostas individuais para aumentar a saliência da morte. A reminiscência, ao promover a integração de conflitos passados e ser relevante ao sujeito com uma grande experiência de vida e que espera o fim (Butler, in Tomer & Eliason, 1996, 2000a), é proposta como um mecanismo para alcançar a integridade do ego.

Todas estas relações entre a Sabedoria e a AFM, reportadas pelos autores nos seus estudos permitiram a elaboração de um Modelo, teórico ou hipotético, Preditor da AFM em Adultos Idosos (Figura 1).

<Figura 1>

A escolha deste modelo estrutural baseou-se na argumentação de Webster (2003) de que apenas a Experiência de Vida e a Reminiscência e Reflexividade se relacionam directamente com a idade, enquanto as dimensões da AFM, Ansiedade face ao Processo de Morrer (APM) e Ansiedade da Inexistência (AI), advieram da validação da  *RDAS*  (Carvalho, Diniz & Ribeiro, 2008). A APM encontra-se relacionada com a dor corporal, proveniente do processo de morrer ou de uma doença terminal, enquanto a AI reporta-se a uma inexistência física e à transcendência. A AFM tem como variáveis precedentes as dimensões da sabedoria, a idade e o género. Relativamente à idade, esta reporta-se apenas à população adulta idosa, fazendo a distinção entre a terceira e quarta idades, na medida em que cada vez mais se considera a

idade funcional e psicológica em detrimento da idade cronológica. Na transição da terceira para a quarta idade (por volta dos 80 anos), verificam-se perdas ao nível da cognição e da saúde funcional, ao contrário daquilo que sucede com a terceira idade (dos 65 anos, em média, até aos 79 anos), onde se observa uma maior expectativa de vida e uma melhor gestão dos ganhos e perdas (Baltes & Smith, 2003).

São estabelecidas relações directas da idade e do género para as quatro dimensões, e da Experiência de Vida e Reminiscência e Reflexividade, para a APM e a AI. São ainda contempladas pelo modelo as relações indirectas da idade e do género para as dimensões da AFM, mediadas pelas duas componentes da Sabedoria.

Esta investigação tem dois objectivos. O primeiro objectivo consiste num estudo de adaptação para a população adulta idosa portuguesa, da SAWS (Webster, 2003). O segundo objectivo é o de testar o Modelo da Figura 1. O objectivo final do estudo é, então, demonstrar que a sabedoria, nas dimensões Experiência de Vida e Reminiscência e Reflexividade, aumenta com a idade, enquanto a AFM, nas dimensões Ansiedade face ao Processo de Morrer (APM) e Ansiedade da Inexistência (AI) diminui com a idade. Quanto à relação entre o género e esses constructos, pretende-se avaliar até que ponto são reproduzidos os resultados dos estudos que denotam relações estatisticamente não significativas entre eles. E por fim, esta investigação ambiciona demonstrar empiricamente a existência de uma relação inversa entre os constructos da Sabedoria e AFM aqui considerados.

## Estudo 1 – Validação factorial da EAAS

### *Método*

*Participantes.* A amostra deste estudo, recolhida por métodos não probabilísticos, é constituída por 397 adultos idosos voluntários, (leque etário = 65-97 anos;  $M = 74$ ), controlados para demência e depressão, funcionais, autónomos e residentes em meio urbano (classificação do Instituto Nacional de Estatística, 1999), na área da Grande Lisboa e no distrito de Setúbal (17 sujeitos). A maioria dos idosos (72,8%) tinha menos de 80 anos, pertenciam ao género feminino (62,5%), viviam acompanhados (65,7%), possuíam o primeiro ciclo de escolaridade (56%), ao invés do que acontece na população (que é maioritariamente analfabeta; Instituto Nacional de Estatística, 2002), são casados (52,6%), e professavam uma religião, contudo 48% diz-se não praticante.

*Instrumentos.* A Escala de Auto-Avaliação da Sabedoria (EAAS, Amado, 2008; Diniz, 2007a) é a versão portuguesa da *Self Assessed Wisdom Scale* (SAWS; Webster, 2003, 2007), e abrange cinco dimensões – Experiência de Vida, Regulação Emocional, Reminiscência e Reflexividade, Humor e Abertura à Experiência.

A versão inicial da prova, data de 2003, era composta por 30 afirmações, divididas equitativamente pelas cinco dimensões. Aqui era pedido aos participantes que indicassem o seu nível de concordância numa escala de *Likert* com 6 pontos, onde 1 significava “totalmente em desacordo” e 6 “totalmente em acordo”. O resultado final da escala traduz o índice da força da sabedoria, sendo o ponto de corte 152 pontos, ou seja, apenas os resultados iguais ou superiores ao ponto de corte denotavam sapiência. No que concerne às características psicométricas desta primeira versão da prova, investigadas em três estudos, esta apresentava uma fidelidade de .78 no primeiro estudo e de .87 no terceiro estudo, uma boa validade de conteúdo e de constructo e uma excelente validade discriminante. Em 2007, a prova foi reformulada aumentando o número de itens para 40, correspondendo oito itens a cada dimensão. Esta versão apresentava uma fidelidade de .84 pelo método do teste-reteste e um alpha de Cronbach de .90, e a Análise Factorial Confirmatória suportou a natureza multidimensional do constructo.

Na adaptação portuguesa da SAWS (Amado, 2008; Diniz, 2007a), a forma de resposta aos itens da escala foi alterada de 6 para 4 pontos, dado a ter-se verificado num estudo piloto feito com adultos idosos a existência de dificuldades de adaptação à escala de resposta original.

*Procedimento.* Os 427 participantes que integraram o estudo no âmbito dos trabalhos desenvolvidos na Linha de Investigação “Transições na vida adulta: dinâmicas adaptativas do adulto idoso” foram todos seleccionados por métodos não probabilísticos (tipo-*snowball*, amostragem de conveniência e informantes privilegiados). A recolha dos dados foi efectuada por diversos investigadores. A autora deste trabalho contribuiu com dados relativos a 33 adultos idosos. Antes da recolha procedeu-se à aleatorização da ordem de aplicação das provas para cada sujeito, através duma amostragem aleatória simples sem reposição, com o intuito de controlar os efeitos de halo.

No início de cada recolha, a qual ocorria preferencialmente de manhã devido aos ritmos circadianos a que os adultos idosos estão sujeitos (Li, Hasher, Jonas, Rahhal & May, 1998), era esclarecido ao adulto idoso a finalidade do trabalho e garantia-se o anonimato e voluntariedade da sua participação no estudo, reforçando a ideia de que não sofreriam quaisquer represálias caso aceitassem ou não. Após a autorização, dava-se início à primeira

etapa do trabalho que consistia na recolha dos dados sócio-demográficos, na aplicação da versão reduzida da Escala de Depressão Geriátrica (EDG; Diniz, 2007b), versão portuguesa da *Geriatric Depression Scale – short form (GDS-15)*; Sheikh & Yesavage, 1986) e da versão portuguesa do *Mini Mental State Examination (MMSE)*; Folstein, Folstein & McHugh, 1975; Guerreiro et al., 1994), usados para rastreio de depressão e défice cognitivo. Nesta etapa foram excluídos 30 sujeitos, 11 com depressão grave (mais de 10 pontos na EDG) e os restantes manifestavam défice cognitivo, segundo os valores normativos, o que fez uma amostra final de 397 participantes.

Em seguida deu-se início à segunda etapa da recolha, a qual consistia na aplicação de uma bateria de 11 provas dividida em dois dias. Todas as provas foram hetero-administradas devido às características da população adulta idosa portuguesa (muitos analfabetos; Instituto Nacional de Estatística, 2002) e à dificuldade sentida diante de uma situação de teste. Esteve, ainda, na padronização deste procedimento, uma preocupação ético-deontológica, que visava a tranquilização do adulto idoso por parte do investigador na eventualidade de um efeito ansiogénico de alguns itens. Com esta forma de aplicação pretendia-se não excluir nenhum participante da nossa amostra. Ressalve-se que, caso existisse hetero-administração para uns participantes e auto-preenchimento para outros, os dados obtidos no estudo, possivelmente, surtiriam um efeito de método.

Para os estudos efectuados neste trabalho consideraram-se os dados obtidos nas versões portuguesas da *Self Assessed Wisdom Scale (SAWS)*; Amado, 2008; Diniz, 2007a; Webster, 2003) e *Revised Death Anxiety Scale (RDAS)*; Carvalho, Diniz & Ribeiro, 2008; Thorson & Powell, 1994). Note-se que neste processo, alguns dos adultos idosos sentiram dificuldades em certos itens das escalas, como por exemplo, os itens 2, 12, 22, 25 e 38 que em sujeitos com baixo nível de escolaridade apresentavam dificuldades de compreensão de vocabulário, e o item 5, que não se aplicava a sujeitos analfabetos.

Finda a recolha, os dados foram inseridos no *SPSS 15.0 for Windows* e procedeu-se a uma análise descritiva das características da amostra. Os itens negativamente conotados foram inversamente conotados. Depois, preparou-se o ficheiro de *SPSS*, convertendo-o em ficheiros *DAD*, para se testar a identidade do modelo no *LISREL 8.53* (Jöreskog & Sörbom, 2002), através da Análise Factorial Confirmatória (AFC). Como os dados tinham uma métrica ordinal (*Likert* de 4 pontos), com o *PRELIS2* (Jöreskog & Sörbom, 1993a) calculou-se a matriz de covariância assintótica das correlações policóricas destes. O modelo foi estimado, através do *LISREL8-SIMPLIS* (Jöreskog & Sörbom, 1993b) pelo método de máxima verosimilhança (MV) com recurso ao robusto *Satorra-Bentler scaled chi-square (S-B $\chi^2$ )*;

Satorra & Bentler, 1994). Como este método de estimação requer uma matriz de covariância assintótica, no *LISREL8* (Jöreskog, Sörbom, Du Toit & Du Toit, 2001), a qual exige amostras de grande dimensão (Moustaki, Jöreskog & Mavridis, 2004), recorreu-se ao *PRELIS 2* para se usar a técnica de amostragem por simulação *bootstrap* (100 amostras de 50% das observações para modelos de uma dimensão e 75% das observações para modelos com cinco dimensões), correspondendo a esse requisito.

Seguidamente, numa lógica de “geração de modelos” (Jöreskog & Sörbom, 1993b), procedeu-se à análise do ajustamento do modelo da *SAWS* dimensão a dimensão e depois do modelo global. Procedeu-se à depuração das dimensões (*model trimming*) até se encontrar um modelo ajustado. O ajustamento foi avaliado através de um conjunto de índices que permitem, de acordo com Forster (2002), observar a precisão preditiva interpolativa (ou seja, dentro do domínio de origem dos dados observados) e a precisão preditiva extrapolativa (isto é, fora do domínio interpolativo dos dados) dos modelos. Na precisão preditiva interpolativa, usaram-se os seguintes índices de ajustamento: *S-B $\chi^2$ /gl*, *Comparative Fit Index (CFI)*; Bentler, 1990), *Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA)*; Steiger, 1990) e *Standardized Root Mean Square Residual (SRMR)*; versão estandardizada do *RMR*; Jöreskog & Sörbom, 1981); enquanto para a precisão preditiva extrapolativa usou-se apenas o *Expected Cross-Validation Index (ECVI)*; Browne & Cudeck, 1993), o qual quando estimado por MV permite a extrapolação dos resultados do teste de um modelo para amostras distintas com a mesma dimensão da testada e permite a confrontação entre modelos integrados e não integrados, preferindo-se aquele que tem o *ECVI* mais baixo. Nesta comparação de modelos integrados também se consideraram os resultados obtidos para a diferença do *SB $\chi^2$* , calculado pela diferença do  $\chi^2$  e a diferença do número de graus de liberdade dos modelos comparados (Santorra & Bentler, 2001).

Assim, para um modelo estar bem ajustado considera-se que o ratio *S-B $\chi^2$ /gl* (calculado através do valor do  $\chi^2$  a dividir pelo número de graus de liberdade) deve ser menor que 3.00, (Kline, 2005); o *CFI* deve ser igual ou superior a .95 (Hu & Bentler, 1998), contudo há autores que consideram .90 como indicadores de um ajustamento aceitável (Ullman, 1996); o *RMSEA* deve ter valores iguais ou menores que .06 (Hu & Bentler, 1999), mas também se aceitam valores iguais ou menores que .08 para um ajustamento aceitável (Browne & Cudeck, 1993); e o *SRMR* deve apresentar um valor próximo ou menor que .08 (Hu & Bentler, 1999). Por fim, o *ECVI* deve ser inferior ao valor do modelo saturado (*ECVI Msat.*), para indicar uma adequada aproximação do modelo em amostras de dimensão semelhante.

No que concerne à reespecificação do modelo da *SAWS*, elas foram efectuadas com base nas cargas factoriais obtidas para os itens: eliminaram-se todos os itens com cargas factoriais inferiores a .45. Supletivamente, atestaram-se os critérios de Fornell e Larcker (1981) para apreciar a validade convergente de uma dimensão (variância média extraída dos itens pela dimensão;  $VME > .50$ ; calculada através da equação  $[\text{SUM}(cfe_i^2)]/[\text{SUM}(cfe_i^2) + \text{SUM}(e_i)]$ , onde  $cfe_i$  = carga factorial estandardizada dos itens e  $e_i$  = variância do erro dos itens) e a validade discriminante entre dimensões (covariância, ou quadrado da correlação, entre dimensões  $< VME$  das dimensões). Seguiu-se ainda estes autores para apreciar a consistência interna da dimensão (calculada pela fórmula  $[(\text{SUM}(cfe_i))^2]/[(\text{SUM}(cfe_i))^2 + \text{SUM}(e_i)]$ , tendo por critérios de análise dos resultados os valores de .70 para resultados iniciais de validação, .80 para comparação de grupos (investigação básica) e .90 para diagnóstico individual (investigação aplicada) (Nunnally & Bernstein, 1994). Para calcular a consistência interna e a validade convergente usou-se o *EXCEL*.

Note-se que se procurou uma interpretação substantiva das alterações feitas ao modelo inicial, uma vez que estas alterações podem envolver enviesamento confirmatório, uma vez que se aceita a modificação empiricamente derivada (*data-driven*) do modelo, promovendo, assim, a oportunidade de o melhorar simplesmente com base no acaso (MacCallum, Rosnowski & Necwitz, 1992).

### *Resultados*

O processo de geração de modelos iniciou-se pelo ajustamento parcial de cada dimensão da Escala de Auto-Avaliação da Sabedoria (EAAS). O *bootstrap* usado nesta primeira fase foi de 100 amostras de 50% dos casos, obtendo-se um  $N = 199$ . Todas as dimensões estavam bem ajustadas, conforme pode verificar-se na Tabela 1.

<Tabela 1>

Constatou-se, entretanto, que na dimensão Abertura à Experiência o item 40 apresentava uma carga factorial muito baixa (.17).

Posteriormente à verificação do ajustamento de cada dimensão da EAAS, procedeu-se ao teste do ajustamento do modelo pentadimensional oblíquo da escala. Isto foi feito com um *bootstrap* de 100 amostras de 75% dos casos ( $N = 298$ ), dado o elevado número de itens em jogo. Os resultados do teste do modelo com 39 itens (M1) podem ser observados na Tabela 1.

Verificou-se depois que todas as dimensões, excepto a Reminiscência e Reflexividade, apresentavam problemas de validade convergente: Experiência de Vida = .33; Regulação Emocional = .44; Humor = .48; Abertura à Experiência = .37. Isto levou à exclusão dos itens 11, 21, 31 e 36 da Experiência de Vida; dos itens 7 e 37 da Regulação Emocional; do item 34 do Humor; e dos itens 15, 20 e 35 da Abertura à Experiência.

O modelo sem estes itens (M2) melhorou o seu ajustamento (Tabela 1). No que concerne à validade convergente, apenas as dimensões Regulação Emocional (.52), Reminiscência e Reflexividade (.67) e Humor (.52) apresentaram uma boa validade convergente, ao invés da Experiência de Vida (.44) e da Abertura à Experiência (.44). Relativamente à validade discriminante, a EAAS apresentou uma boa validade em todas as dimensões: Abertura à Experiência e Experiência de Vida ( $r = .03$ ; covariância = .0009), Humor e Abertura à Experiência ( $r = .29$ ; covariância = .084), Humor e Experiência de Vida ( $r = .29$ ; covariância = .084), Regulação Emocional e Abertura à Experiência ( $r = .61$ ; covariância = .372), Regulação Emocional e Experiência de Vida ( $r = .22$ ; covariância = .048), Regulação Emocional e Humor ( $r = .35$ ; covariância = .123), Reminiscência e Reflexividade e Abertura à Experiência ( $r = .07$ ; covariância = .005), Reminiscência e Reflexividade e Experiência de Vida ( $r = .54$ ; covariância = .291), Reminiscência e Reflexividade e Humor ( $r = .29$ ; covariância = .084) e Reminiscência e Reflexividade e Regulação Emocional ( $r = .37$ ; covariância = .14). Por último, no que respeita à consistência interna, esta era boa nas dimensões Regulação Emocional (.87), Humor (.88) e Reminiscência e Reflexividade (.94), mas não era boa na Experiência de Vida (.75) e Abertura à Experiência (.76).

Testou-se, ainda, o modelo pentadimensional hierárquico, o qual também estava bem ajustado. Para a comparação do ajustamento deste modelo com o M2 recorreu-se ao teste da diferença do  $\chi^2$  (Satorra & Bentler, 2001). Neste teste, comprovámos que a diferença entre os dois modelos era estatisticamente significativa ( $\chi^2 = -37.94$ ;  $p < .001$ ), o que levou à selecção do modelo pentadimensional oblíquo. Note-se que, na prática, ambos os modelos estavam bem ajustados.

Na Tabela 2 encontram-se os resultados substantivos do M2.

<Tabela 2>

Na mesma verificamos que o item 16 é o menos preciso ( $R^2 = .25$ ) para representar a Experiência de Vida e o item 26 é o melhor ( $R^2 = .71$ ), o item 2 o menos preciso ( $R^2 = .40$ ) para representar a Regulação Emocional ao contrário dos itens 17 ( $R^2 = .59$ ) e 27 ( $R^2 = .59$ ), o

item 13 é o mais preciso ( $R^2 = .78$ ) para representar a Reminiscência e Reflexividade e o 38 é o menos preciso ( $R^2 = .47$ ), o item 39 é o menos preciso ( $R^2 = .40$ ) para representar o Humor e o item 4 é o mais preciso ( $R^2 = .61$ ), e o item 25 é o mais preciso ( $R^2 = .59$ ) para representar a Abertura à Experiência e o item 30 é o pior ( $R^2 = .33$ ).

### *Discussão*

Neste primeiro estudo, que visava a validação da Escala de Auto-Avaliação da Sabedoria (EAAS; versão portuguesa da *Self Assessed-Wisdom Scale*) com adultos idosos não institucionalizados, de ambos os géneros e residentes em meio urbano, constatou-se que quando a prova é hetero-administrada, o modelo pentadimensional oblíquo tem um melhor ajustamento aos dados empíricos do que o pentadimensional hierárquico. No entanto, na prática, ambos os modelos são plausíveis na população com características sócio-demográficas análogas às da nossa amostra. Esta escala permite avaliar a Sabedoria com base nas suas cinco dimensões, ou num nível mais abstracto de descrição, com base numa única dimensão que as subsume. Como a revisão de literatura sugere, podemos atestar que a sabedoria é um constructo multidimensional e holístico (Ardelt, 1997, 2003; Sternberg, 2005; Webster, 2003, 2007).

Quanto às características psicométricas da EAAS, comprovou-se uma boa validade discriminante da prova. Apenas a Regulação Emocional, Reminiscência e Reflexividade e Humor apresentaram uma boa validade convergente. No caso da Experiência de Vida e da Abertura à Experiência a validade convergente não foi cabalmente conseguida. Finalmente, os valores alcançados na consistência interna foram aceitáveis, chegando mesmo três dimensões a permitirem a comparação de grupos (Regulação Emocional, Reminiscência e Reflexividade e Humor), e uma dimensão permite o diagnóstico individual (Reminiscência e Reflexividade), de acordo com Nunnally e Bernstein (1994).

Para o ajustamento do modelo foi necessário excluir alguns itens, o que levou a uma redução da EAAS para 29 itens, os quais não se encontram equitativamente distribuídos pelas dimensões, como sucedia nos estudos de Webster (2003, 2007). Desse modo, as dimensões Experiência de Vida e Abertura à Experiência ficaram representadas por quatro itens cada uma, a Regulação Emocional é representada por seis itens e o Humor é representado por sete itens. A dimensão Reminiscência e Reflexividade manteve todos os itens. Na dimensão Experiência de Vida saíram os itens 11 (“Lidei com muitos tipos diferentes de pessoas ao longo da minha vida”), 21 (“Vi muito do lado negativo da vida (ex. desonestidade,

hipocrisia”)), 31 (“Descobri pessoalmente que “não se deve julgar pelas aparências””) e 36 (“Aprendi lições de vida valiosas com os outros”). Se compararmos estes itens com aqueles que permaneceram na dimensão, constatamos que estes se reportam a uma experiência de vida com base no social, e não com a experiência de vida mais individual obtida pela superação de acontecimentos traumáticos desta. Possivelmente, foi este carácter social que levou à exclusão dos itens, na medida em que não integravam a completa definição da dimensão expressa por Webster (2003, 2007).

Por outro lado, a Abertura à Experiência também foi reduzida para metade dos seus itens. Aqui foram excluídos os itens 15 (“Gosto de provar vários tipos de comida de outros povos/países”), 20 (“Procuro muitas vezes coisas novas para experimentar”), 35 (“Sou muito curioso(a) acerca de outras religiões e/ou filosofias”) e 40 (“Muitas vezes pensei sobre a vida e no que está para além dela”). Uma justificação para que estes itens tivessem sido excluídos encontra-se na opressão gerada pelo regime político vigente na mocidade dos nossos adultos idosos, na medida em que a ideologia dominante era caracterizada pela máxima do Fado, Futebol e Fátima, ou seja, a abertura à experiência, ao novo e ao desconhecido era vista com maus olhos. Contudo, os restantes itens apesar de também fazerem menção a esta abertura à experiência, enquadram-se naquilo que era permitido pelo Estado português no tempo da mocidade dos adultos idosos: a música, a educação e a família. Quanto ao item 35 poderá estar ainda na base da sua exclusão o facto de a religião predominante em Portugal ser a Judaico-Cristã, consistindo a curiosidade sobre outras religiões em algo muito recente. Por último, o item 40, o qual foi o primeiro a ser excluído por representar muito pouco a dimensão, tem subjacente a noção de transcendência, relacionando-se mais o item com questões da inexistência e da morte, do que propriamente com a sabedoria. Além disso, este item já havia levantado problemas durante a aplicação, referindo os sujeitos que “A vida é uma coisa, o que está para além dela é outra. Deveriam ser duas perguntas diferentes!”.

Relativamente à dimensão Regulação Emocional retirou-se os itens 7 (“As emoções não tomam conta de mim quando tomo decisões pessoais”) e 37 (“Parece que tenho um talento especial para ler as emoções das outras pessoas”). Nestes dois itens houve dificuldades na compreensão do seu significado semântico-lexical por parte dos adultos idosos, a qual levou os sujeitos a descentrarem-se da prova e centrarem-se em acontecimentos particulares da sua vida. Poderá supor-se que esta tendência seja uma forma de lidar com algo que não se percebe bem, ou seja, os adultos idosos ao poderem ter dificuldades de compreensão dos itens, e embaraçados por o demonstrarem ao entrevistador, usavam como estratégia de defesa a mudança de temática. Por outro lado, como Santos (2005) refere no seu estudo, não é comum

pedir-se aos adultos idosos para falarem sobre os seus sentimentos e das suas emoções, o que poderá estar também relacionado com a exclusão destes dois itens.

Por último, excluiu-se também o item 34 (“Acho que, agora, posso apreciar verdadeiramente as pequenas ironias da vida”) que integrava a dimensão do Humor. A exclusão deste item prende-se com o seu significado semântico-lexical, o qual foi muitas vezes enunciado durante a aplicação da prova, havendo a necessidade de repetir e explicar o significado da frase. A componente frásica que aqui realmente suscitava dificuldade de interpretação ao adulto idoso era a expressão “ironias da vida”.

É ainda de salientar que estas diferenças encontradas no modelo em comparação com a versão original da prova, pode dever-se a questões de método, nomeadamente à dimensão e abrangência da amostra, isto é, enquanto o nosso estudo apenas integra a população adulta idosa, os estudos de Webster (2003, 2007) integravam também jovens adultos e adultos, e as suas amostras eram mais pequenas em comparação com a nossa. Ainda em relação ao método, este foi não probabilístico. Note-se que outra diferença entre os estudos respeitou à forma de recolha dos dados: no nosso estudo isso aconteceu sob a forma de entrevista, o que pode ter conduzido a efeitos de deseabilidade social. Aqui, a dimensão das provas aplicadas demonstrou-se excessiva e, por vezes, repetitiva para os adultos idosos. Relativamente ao procedimento estatístico para tratamento dos dados, note-se que os resultados obtidos através de testes de identidade dos modelos apenas nos permitem saber se os modelos são plausíveis para a abordagem do tema em questão (Browne & Cudeck, 1993).

Assim, devido a estas diferenças e dificuldades encontradas, e como houve uma modificação do modelo original da escala, deverá verificar-se se os resultados agora obtidos são replicáveis com outras amostras de adultos idosos mais representativas da população.

## Estudo 2 – Teste do Modelo Preditor da AFM em Adultos Idosos

### *Método*

*Participantes.* A amostra visada neste estudo é a mesma do primeiro estudo.

*Procedimento.* Os procedimentos de recolha e tratamento dos dados foram os mesmos do Estudo 1. O teste do modelo da *Revised Death Anxiety Scale (RDAS*; Thorson & Powell, 1994), prova que operacionaliza a AFM, foi feito com um *bootstrap* de 100 amostras de 50% das observações ( $N = 199$ ). O teste do Modelo Preditor da AFM (MPAM) em Adultos Idosos

foi feito com um *bootstrap* de 75% das observações ( $N = 298$ ). Para testar o MPAM em Adultos Idosos foi necessário estimar a covariância do ruído (*disturbance*) entre as dimensões da EAAS (Experiência de Vida e Reminiscência e Reflexividade).

Quanto à operacionalização das outras variáveis que integram o modelo, género e idade, fizemos a distinção entre a terceira (65-79 anos) e quarta idades (80 anos em diante), segundo o critério de Baltes e Smith (2003). Quanto ao género, foi atribuída a notação um (1) para o feminino e dois (2) para o masculino. Quanto à idade, foi atribuída a notação um (1) para a terceira e dois (2) para a quarta idade. Para representar os factores idade e género, foi igualizada a zero a variância do erro das respectivas variáveis.

*Instrumentos.* A *RDAS* resultou da fusão das escalas de Nehrke (1973), de Templer (1970) e de Boyar (1964) e tinha como objectivo medir a ansiedade face à morte em sujeitos que se confrontam ou estão em vias de se confrontar com a morte. A primeira versão da *RDAS*, de 1977, era uma escala multidimensional de 34 itens cotados como verdadeiro ou falso, com um ponto por cada resposta que indicasse ansiedade (Thorson & Powell, 1988, 1992). A última versão da *RDAS* (Thorson & Powell, 1994) tem sete dimensões (medo da inexistência; ansiedade sobre a incerteza e a vida depois da morte; medo da dor; ansiedade face a espaços fechados; medo do desamparo ou de perder o controlo; e medo da decomposição), que integram 25 itens (afirmações auto-descritivas), de formato tipo-*Likert* com 5 pontos (“fortemente em acordo” a “fortemente em desacordo”). A consistência interna da escala (alpha de Cronbach) obtida em vários estudos varia entre .89 e .91 (Thorson & Powell, 1994). Das 25 afirmações, oito são negativas (4, 10, 11, 13, 17, 21, 23, 25). Desse modo, os resultados podem variar de 0 a 100, correspondendo pontuações mais altas a uma maior AFM (Khalek, 1998; Ribeiro, 2007).

A validação da *RDAS* para adultos idosos portugueses (Carvalho, Diniz & Ribeiro, 2008) resultou numa estrutura bidimensional, com as dimensões Ansiedade face ao Processo de Morrer (APM, 8 itens) e Ansiedade face à Inexistência (AI, 4 itens), e apresentava uma boa validade discriminante ( $r = -.53$ ; covariância = .29) e convergente para a AI (VME = .59) e APM (VME = .61). A consistência interna foi de .92 para a AI e de .86 para a APM, evidenciando que as dimensões são precisas para a comparação entre grupos, acrescentando que a AI também o é para diagnóstico individual. Na nossa amostra, o ratio  $S-B\chi^2/gl$  foi menor que três, o *RMSEA* apresentou o valor de .03, o *CFI* foi igual a .95, o *SRMR* foi igual a .07; e o *ECVI* é inferior ao *ECVI* do modelo saturado, o que indica um bom ajustamento do modelo.

## Resultados

Os resultados do teste do ajustamento do MPAM em Adultos Idosos são apresentados na Tabela 3.

<Tabela 3>

Devido a uma grande quantidade de resíduo no M1 ( $SRMR = .12$ ), estimou-se a covariância do ruído (*disturbance*) entre as dimensões Experiência de Vida e Reminiscência e Reflexividade, para obter um melhor ajustamento do modelo (M2).

<Figura 2>

Na Figura 2 podemos observar os resultados substantivos do M2. Relativamente às relações directas, encontramos uma relação estatisticamente significativa da idade para a Experiência de Vida ( $\beta = .19 (.077)$ ;  $t(297) = 2.44$ ;  $p < .05$ ) e para a APM ( $\beta = -.22 (.088)$ ;  $t(297) = -2.53$ ;  $p < .05$ ): os adultos idosos na quarta idade têm uma maior Experiência de Vida e uma menor APM. As restantes relações de predição da idade não são estatisticamente significativas, embora no caso da Reminiscência e Reflexividade a relação seja marginalmente significativa ( $\beta = .12 (.075)$ ;  $t(297) = 1.57$ ;  $p < .10$ ). O género também evidencia uma influência marginalmente significativa, no que concerne à Experiência de Vida ( $\beta = -.14 (.078)$ ;  $t(297) = -1.79$ ;  $p < .10$ ) e à AI ( $\beta = -.13 (.073)$ ;  $t(297) = -1.77$ ;  $p < .10$ ): as mulheres parecem revelar uma maior Experiência de Vida e uma maior AI. O mesmo acontece da Experiência de Vida para a AI ( $\beta = -.17 (.091)$ ;  $t(297) = -1.90$ ;  $p < .10$ ): maior Experiência de Vida, menor AI. Por seu lado, a Reminiscência e Reflexividade apresenta uma relação directa estatisticamente significativa para a APM ( $\beta = .25 (.088)$ ;  $t(297) = 2.81$ ;  $p < .05$ ) e uma relação marginalmente significativa para a AI ( $\beta = .15 (.08)$ ;  $t(297) = 1.89$ ;  $p < .10$ ): maior Reminiscência e Reflexividade, maior APM; parece que maior Reminiscência e Reflexividade, maior AI.

Quanto aos efeitos totais entre a idade e o género para as dimensões da AFM, só a relação da idade com a APM se evidencia como estatisticamente significativa ( $\beta = -.21 (.089)$ ;  $t(297) = -2.38$ ;  $p < .05$ ), enquanto que com a AI ela é marginalmente significativa ( $\beta = -.14 (.079)$ ;

$t(297) = -1.73; p < .10$ ): os adultos idosos na quarta idade têm uma menor APM e parecem também ter uma menor AI.

Contrastando os efeitos totais com os efeitos directos quanto à relação da idade com a APM e a AI, verifica-se a irrelevância da interveniência da Experiência de Vida e da Reminiscência e Reflexividade nessas relações.

### *Discussão*

O MPAM em Adultos Idosos mostrou-se plausível (i.e., parcimonioso e estatisticamente significativo). Entretanto, as limitações e cautelas referidas na discussão do Estudo 1, são aqui aplicáveis.

Os resultados relativos à relação entre a idade e a Experiência de Vida são congruentes com a literatura, bem como a relação entre a idade e a APM. Relativamente à primeira, Webster (2003, 2007) refere que a Experiência de Vida emerge perante as exigências da vida, e esta experiência de vida envolve a sabedoria quando se fizer boas negociações de períodos críticos, tomar resoluções positivas de problemas relevantes ou adaptar estratégias de *coping* em ambientes stressantes. Wink e Helson (1997) defendem também o aumento da sabedoria com a idade, a partir do desenvolvimento de uma compreensão profunda e enriquecedora do mundo, como consequência da aprendizagem proveniente das experiências de vida. Por outro lado, a relação entre a idade e a APM é favorável aos adultos idosos na quarta idade. Este resultado pode ser justificado pela maior preparação para a morte dos adultos idosos, os quais ao se confrontarem com a sua própria morte tentam atribuir-lhe um sentido, um significado, um propósito e uma identidade (Webster, in Webster & McCall, 1999). Cicirelli (2003) também defende que são os sujeitos da quarta idade, que têm menos ansiedade face à morte, pois são capazes de a aceitar. Esta diferença entre a idade e a APM também é corroborada por Cicirelli (2001), Kastenbaum (in Russac et al., 2007), Gesser, Wong e Recker (in Thorson & Powell, 1988, 1990), Oliveira, (2002), Rasmussen e Brems, (1996), Thorson e Powell (in Tomer, Eliason & Smith, 2000), no entanto, nestes estudos as amostras eram mais abrangentes (jovens adultos vs. adultos idosos), do que a nossa (adultos idosos). Na base dos resultados agora encontrados, está ainda a actuação dos mecanismos de defesa e das estratégias de *coping*, que permitem ao sujeito lidar com esta ansiedade.

Dentro das relações directas postuladas no modelo, também a Reminiscência e Reflexividade se mostrou significativa para a APM: maiores níveis da primeira, maiores níveis da segunda. Ora, este resultado não confirma o de Ardelt (2003), que evidenciou uma

correlação negativa da sabedoria com o evitamento da morte e o medo da morte. Note-se que a Reminiscência e Reflexividade é compreendida como uma reflexão avaliativa da vida passada e presente do próprio, e serve de anfitriã às funções psicológicas, incluindo a formação e manutenção de identidade, a auto-compreensão, a resolução de problemas e a adopção de estratégias de *coping* (Webster, 2003). Esta dimensão da sabedoria pode ser, então, considerada como um mecanismo de *coping* face à AFM, e o facto da nossa amostra ser maioritariamente composta por adultos idosos na terceira idade pode justificar que a APM aumente com o aumento da Reminiscência e Reflexividade. Eles ainda se encontram numa fase da vida em que a aceitação da morte ainda não ocorreu (Cicirelli, 2003).

O facto de não se verificar uma relação significativa entre a idade e a AI é suportado pelos estudos de Conte et al., (1982) e Fortner, Neimeyer e Rybarczyk, (2000). Este resultado pode estar relacionado com uma maior preocupação por parte dos adultos idosos face ao bem-estar dos amigos e da família, do que propriamente com a morte (Baltes et al., in Santos, 2004). Além disso, tendo em conta que a AI se reporta a uma inexistência física e à transcendência, compreende-se que não é pelo facto de a pessoa envelhecer que terá mais medo da Inexistência. Por outro lado, a AI poderá estar mais ligada à religiosidade/espiritualidade do que, propriamente, à idade. Outra particularidade que pode ter levado a este resultado, encontra-se na nossa amostra, a qual integra apenas adultos idosos, e sabe-se que a AFM tem tendência a diminuir com a idade e a estabilizar a partir da terceira idade (Cicirelli, 2001; Fortner & Neimeyer, 1999).

Por último, relativamente ao género, os nossos resultados vão ao encontro da maioria dos estudos, quer na relação com a sabedoria (Orwoll & Achenbaum, 1993), quer na relação com a AFM (Cavanough, in Santos, 2004; Ens & Bond, 2005; Fortner & Neimeyer, 1999; Fortner, Neimeyer & Rybarczyk, 2000), ou seja, não se verifica qualquer influência do género sobre os constructos, tanto nos efeitos directos, como nos totais.

Note-se, ainda, que a concepção de Sabedoria incorporada no modelo não contemplou a multidimensionalidade do constructo e o carácter holístico das suas dimensões, o que não nos permite a apreensão completa do constructo, e automaticamente teve repercussões no estudo. Além disso, no que concerne à aceitação da morte, Cicirelli (2003) refere um período de transição na população adulta idosa (entre os 75 anos e os 84 anos), que se resolve aos 85 anos. Assim, em futuras investigações deverá contemplar-se o carácter multidimensional e holístico da Sabedoria, e estudar a sua relação com a AFM, em amostras mais representativas da população adulta idosa e que definam os 85 anos como o ponto de corte entre a terceira e quarta idade.

## Nota Final

No Estudo 1 validou-se um modelo pentadimensional oblíquo (com 29 itens), da EAAS (Amado, 2008; Diniz, 2007a) para adultos idosos portugueses. Em relação às características psicométricas, a prova apresentava uma boa validade discriminante, uma boa validade convergente somente para as dimensões Regulação Emocional, Reminiscência e Reflexividade e Humor, e uma boa consistência interna para quatro das dimensões, permitindo três delas a comparação entre grupos (Regulação Emocional, Reminiscência e Reflexividade e Humor) e uma o diagnóstico individual (Reminiscência e Reflexividade) (Nunnally & Bernstein, 1994).

Após a validação da escala procedeu-se, no Estudo 2, ao teste do Modelo Preditor da Ansiedade Face à Morte (AFM) em Adultos Idosos que relaciona duas dimensões da Sabedoria (Experiência de Vida e Reminiscência e Reflexividade) com as duas dimensões da AFM operacionalizadas pela *RDAS* (Carvalho, Diniz & Ribeiro, 2008): Ansiedade face ao Processo de Morrer (APM) e Ansiedade face à Inexistência (AI). Além destas relações, o modelo inclui a influência da idade (terceira vs. quarta idade) e do género para as duas dimensões, e nomeadamente, pressupõe uma relação entre a idade e o género sobre estas quatro dimensões. O modelo apesar de se mostrar plausível, apenas evidenciou três relações estatisticamente significativas, as da idade com a Experiência de Vida e a APM, ambas favoráveis para os sujeitos na quarta idade, e da Reminiscência e Reflexividade com a APM. Como já foi referido, várias limitações se colocam à generalização dos resultados obtidos, sendo necessário replicar o trabalho noutras amostras, designadamente para apurar se as relações marginalmente significativas encontradas no Estudo 2 se mantêm.

Por outro lado, este trabalho revela-se uma mais valia quer a nível teórico (ao reforçar a multidimensionalidade dos constructos e a relação entre eles, e deles com a idade e o género, e por colmatar algumas lacunas evidenciadas na literatura), quer a nível prático (em que o conhecimento aqui obtido, pode ajudar os técnicos a compreender melhor os adultos idosos e a desenvolver intervenções mais adaptadas a estes). Note-se, também, que este trabalho, ao validar um instrumento para a população portuguesa adulta idosa, confere credibilidade à Psicologia enquanto ciência, e rigor à sua investigação.

## Referências

- Amado, N. (2008). *Sucesso no envelhecimento e histórias de vida em adultos idosos sócio-culturalmente muito e pouco diferenciados*. Tese de doutoramento submetida para defesa pública, ISPA, Universidade Nova, Lisboa.
- Ardelt, M. (1997). Wisdom and life satisfaction in old age. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, 52B(1), 15-27. Consultado a 25 de Abril de 2008, através do site [http://www.clas.ufl.edu/users/ardelt/Wisdom\\_and\\_life\\_satisfaction\\_in\\_old\\_age.pdf](http://www.clas.ufl.edu/users/ardelt/Wisdom_and_life_satisfaction_in_old_age.pdf)
- Ardelt, M. (2000a). Antecedents and effects of wisdom in old age – a longitudinal perspective on aging well. *Research on Aging*, 22(4), 360-394. Consultado a 25 de Abril de 2008, através do site <http://www.clas.ufl.edu/users/ardelt/Antecedents%20and%20effects%20of%20wisdom%20in%20old%20age.pdf>
- Ardelt, M. (2000b). Intellectual versus wisdom-related knowledge: The case for a different kind of learning in the later years of life. *Educational Gerontology*, 26, 771-789. Consultado a 2 de Fevereiro de 2008, através do site <http://www.clas.ufl.edu/users/ardelt/Intellectual%20versus%20wisdom-related%20knowledge.pdf>
- Ardelt, M. (2003). Empirical assessment of a Three-Dimensional Wisdom Scale. *Research on Aging*, 25(3), 275-324. Consultado a 25 de Abril de 2008, através do site <http://www.clas.ufl.edu/users/ardelt/Empirical%20assessment%20of%20the%203D-WS.pdf>
- Ardelt, M. (2004). Wisdom as expert knowledge system: A critical review of a contemporary operationalization of an ancient concept. *Human Development*, 47, 257-285. Consultado a 25 de Abril de 2008, através do site <http://www.clas.ufl.edu/users/ardelt/Wisdom%20as%20expert%20knowledge%20system.pdf>
- Balk, D. (1995). Where to start your inquiries into death anxiety. *Death Studies*, 19, 81-91. Consultado a 1 de Novembro de 2007, através da base de dados da EBSCO.
- Balk, D. (2003). How older adults view death. *Death Studies*, 27, 743-760. Consultado a 2 de Novembro de 2007, através da base de dados da EBSCO.

- Baltes, P. (2004). *Wisdom as orchestration of mind and virtue*. Max Planck Institute for Human Development, Berlin. (book in preparation). Consultado a 12 de Novembro de 2007, através do site [http://library.mpib-berlin.mpg.de/ft/pb/PB\\_Wisdom\\_2004.pdf](http://library.mpib-berlin.mpg.de/ft/pb/PB_Wisdom_2004.pdf)
- Baltes, P., & Smith, J. (2003). New frontiers in the future of aging: From successful aging of the young old to the dilemmas of the fourth age. *Gerontology*, *49*(2), 123-135.
- Baltes, P., & Staudinger, U. (1993). The search for a psychology of wisdom. *Psychological Science*, *2*(3), 75-80. Cambridge University Press. Consultado a 11 de Novembro de 2007, através da base de dados da EBSCO.
- Baltes, P., & Staudinger, U. (2000). Wisdom – A Metaheuristic (pragmatic) to orchestrate mind and virtue toward excellence. *American Psychologist*, *55*(1), 122-136.
- Baltes, P., Staudinger, U., & Lindenberger, U. (1999). Lifespan psychology: Theory and application to intellectual functioning. *Annual Reviews Psychology*, *50*, 471-507. Consultado a 18 de Dezembro de 2007, através da base de dados da B-ON.
- Baltes, P., Staudinger, U., Maercker, A., & Smith, J. (1995). People nominated as wise: A comparative study of wisdom-related knowledge. *Psychology and Aging*, *10*(2), 155-166.
- Bassett (2007). Psychological defenses against death anxiety: Integrating terror management theory and Firestone's separation theory. *Death Studies*, *31*(8), 727-750. Consultado a 18 de Dezembro de 2007 através da base de dados da B-ON.
- Bassett, J., & Dabbs, Jr., J. (2003). Evaluating explicit and implicit death attitudes in funeral and university students. *Mortality*, *8*(4), 352-371.
- Bentler, P. M. (1990). Comparative fit indices in structural models. *Psychological Bulletin*, *107*(2), 238-246.

- Benton, J., Christopher, A., & Walter, K. (2007). Death anxiety as a function of aging anxiety. *Death Studies*, 31(4), 337-350. Consultado a 18 de Dezembro de 2007 através da B-ON.
- Browne, M. W., & Cudeck, R. (1993). Alternative ways of assessing model fit. In K. A. Bollen, & J. S. Long (Eds.), *Testing structural equation models* (pp. 136-162). London: SAGE.
- Carvalho, G., Diniz, A., & Ribeiro, M. (2008). Adaptação da Revised Death Anxiety Scale (RDAS) para adultos idosos portugueses [CD-ROM]. In A. P. Noronha, C. Machado, L. S. Almeida, M. Gonçalves, S. Martins, & V. Ramalho (Coords.), *Actas da XIII Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*. Braga: Psiquilíbrios.
- Cicirelli, V. (1998). Personal meanings of death in relation to fear of death. *Death Studies*, 22, 713-733. Consultado a 18 de Abril de 2008, através da base de dados da EBSCO
- Cicirelli, V. (2001). Personal meanings of death in older adults and young adults in relation to their fears of death. *Death Studies*, 25, 663-683. Consultado a 18 de Abril de 2008, através da base de dados da EBSCO.
- Cicirelli, V. (2003). Older adults' fear and acceptance of death: A transition model. *Ageing International*, 28(1), 66-81 Consultado a 18 de Abril de 2008, através da base de dados da EBSCO.
- Coleman, P., & O'Hanlon, A. (2004). *Ageing and development: Theories and research*. Oxford: University.
- Conte, H., Weiner, M., & Plutchik, R. (1982). Measuring death anxiety: Conceptual, psychometric, and factor-analytic aspects. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43(4); 775-785.

- Depaola, S., Griffin, M., Young, J., & Neimeyer, R. (2003). Death anxiety and attitudes toward the elderly among older adults: the role of gender and ethnicity. *Death Studies*, 27, 335-354. Consultado a 1 de Novembro de 2007, através da base de dados da EBSCO.
- Diniz, A. M. (2007a). *Escala de Auto-Avaliação da Sabedoria*. Lisboa: ISPA.
- Diniz, A. M. (2007b). *Escala de Depressão Geriátrica*. Lisboa: ISPA.
- Doron, R., & Parot, F. (2001). *Dicionário de psicologia*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Ens, C., & Bond Jr., J. (2005). Death anxiety and personal growth in adolescents experiencing the death of a grandparent. *Death Studies*, 29, 171-178.
- Firestone, R. (1993). Individual defenses against death anxiety. *Death Studies*, 17, 497-515. Consultado a 1 de Novembro de 2007, através da base de dados da EBSCO.
- Folstein, M. F., Folstein, S. E., & McHugh. P. R. (1975). Mini-Mental State: A practical method for grading the cognitive state of patients for the clinician. *Journal of Psychiatric Research*, 12(3), 189-198. Consultado a 19 de Janeiro de 2008, através do site [www.minimental.com/article.html](http://www.minimental.com/article.html)
- Fonseca, A. (2006). *O envelhecimento – uma abordagem psicológica* (2ª ed.). Lisboa: Universidade Católica.
- Fontaine, R. (2000). *Psicologia do envelhecimento*. Lisboa: Climepsi Editores
- Fornell, C., & Larcker, D. F. (1981). Evaluating structural equation models with unobservable variables and measurement error. *Journal of Marketing Research*, 18(1), 39-50.
- Forster, M. R. (2002). Predictive accuracy as an achievable goal of science. *Philosophy of Science*, 69, 124-134.

- Fortner, B., & Neimeyer, R. (1999). Death anxiety in older adults: A quantitative review. *Death Studies, 23*, 387-411. Consultado a 1 de Novembro de 2007, através da base de dados da EBSCO.
- Fortner, B., Neimeyer, R., & Rybarczyk, B. (2000). Correlates of death anxiety in older adults: A comprehensive review. In A. Tomer (Ed.) *Death attitudes and the older adult* (pp. 95-108) Philadelphia, PA: Brunner-Routledge.
- Fry, P. (2003). Perceived self-efficacy domains as predictors of fear of the unknown and fear of dying among older adults. *Psychology and Aging, 18*(3), 474-486. Consultado a 2 de Novembro de 2007, através da base de dados da EBSCO.
- Glück, J., & Baltes, P. (2006). Using the concept of wisdom to enhance the expression of wisdom knowledge: Not the philosopher's dream but differential effects of developmental preparedness. *Psychology and Aging, 21*(4), 679-690. Consultado a 11 de Novembro de 2007, através da base de dados da EBSCO.
- Guerreiro, M., Silva, A. P., Botelho, M. A., Leitão, O., Castro-Caldas, A., & Garcia, C. (1994). Adaptação à população portuguesa da tradução do "Mini Mental State Examination" (MMSE). *Revista Portuguesa de Neurologia, 1*, 9-10.
- Hu, L. T., & Bentler, P. M. (1998). Fit indices in covariance structure modeling: Sensitivity to underparametrized model misspecification. *Psychological Methods, 3*(4), 424-453.
- Hu, L. T., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indices in covariance structure analysis: Convencional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling, 6*(1), 1-55.
- Instituto Nacional de Estatística (1999). *Indicadores urbanos do continente*. Lisboa: INE. Consultado em 25 de Novembro de 2006, através da fonte [www.ine.pt](http://www.ine.pt)
- Instituto Nacional de Estatística (2002). *O envelhecimento em Portugal: Situação demográfica e sócio-económica recente das pessoas idosas*. Consultado em Dezembro, 1, 2007, através da fonte [www.ine.pt](http://www.ine.pt)

- Instituto Nacional de Estatística (2006). *Estimativas de população residente, Portugal, NUTS II, NUTS III e Municípios 2005*. Consultado em Novembro, 30, 2006, através da fonte [www.ine.pt](http://www.ine.pt)
- Jöreskog, K. G., & Sörbom, D.(1981). *LISREL V: Analysis of linear structural relationships by the method of maximum likelihood*. Chicago: IL: National Educational Resources.
- Jöreskog, K. G., & Sörbom, D. (1993a). *PRELIS2: User's reference guide*. Chicago: Scientific Software.
- Jöreskog, K. G., & Sörbom, D. (1993b). *LISREL8: Structural equation modeling with the SIMPLIS command language*. Chicago: Scientific Software International.
- Jöreskog, K. G., & Sörbom, D. (2002). *LISREL8.53*. Chicago: Scientific Software International.
- Jöreskog, K. G., Sörbom, D., Du Toit, S., & Du Toit, M. (2001). *LISREL8: New statistical features* (3rd printing with revision). Lincolnwood, IL: Scientific Software International.
- Kastenbaum, R. (1996). A world without death? First and second thoughts. *Mortality*, 1(1), 111-121. Consultado a 1 de Novembro de 2007, através da base de dados da EBSCO.
- Khalek, A. (1998). Single-versus multi-item scales in measuring death anxiety. *Death Studies*, 22, 763-772. Consultado a 1 de Novembro de 2007 através da base de dados da EBSCO.
- Khalek, A. (2002). Why do we fear death? The construction and validation of the reasons for death fear scale. *Death Studies*, 26, 669-680. Consultado a 1 de Novembro de 2007, através da base de dados da EBSCO.
- Kinsella, K., & Velkoff, V. A. (2001). *An aging world: 2001*. Consultado a 1 de Dezembro de 2007, através de <http://www.census.gov/prod/2001pubs/p95-01-1.pdf>

- Kline, R. B. (2005). *Principles and practice of structural equation modelling* (2nd ed.). New York: Guilford Press.
- Kunzmann, U., & Stange, A. (2007). Wisdom as a classical human strength: Psychological conceptualizations and empirical inquiry. In A. Ong, & M. Dulmen (Eds.), *Oxford handbook of methods in positive psychology* (pp. 306-322). Oxford: Oxford University.
- Langs, R. (1997). Psychological defenses. In R. Langs (Ed.) *Death Anxiety and Clinical Practice* (pp.159-168). London: Karnac.
- Leff, L. (1999). Sentimento de imortalidade simbólica e a ansiedade perante a morte entre gerações. *Aletheia: Revista do Curso de Psicologia*, 9, 93-98.
- Li, K., Hasher, L., Jonas, D., Rahhal, T., & May, C. (1998). Distractibility, circadian arousal, and aging: A boundary condition. *Psychology and Aging*, 13(4), 574-583.
- MacCallum, R. C., Roznowski, M., & Necowitz, L. B. (1992). Model modification in covariance structure analysis: The problem of capitalization on chance. *Psychological Bulletin*, 111(3), 490-504.
- Madnawat, S., & Kachhawa, S. (2007). Age, gender, and living circumstances: Discriminating older adults on death anxiety. *Death Studies*, 31(8), 763-769. Consultado a 18 de Dezembro de 2007 através da base de dados da B-ON.
- Marchand, H. (1998). Wisdom: A case of high level of human performance concerning the contextual and pragmatic features of everyday functioning. In C. Quelhas, & F. Pereira (Eds.), *Cognition and Context* (pp. 367-380). Lisboa: ISPA.
- Martens, A., Goldenberg, J., & Greenberg, J. (2005). A terror management perspective on ageism. *Journal of Social Issues*, 61(2), 223-239.
- McCoy, S., Pyszczynski, T., Solomon, S., & Greenberg, J. (2000). Transcending the self: A terror management perspective on successful aging. In A. Tomer (Ed.), *Death attitudes and the older adult* (pp. 37-63). Philadelphia, PA: Brunner-Routledge.

- Moustaki, I., Jöreskog, K. G., & Mavridis, D. (2004). Factor models for ordinal variables with covariate effects on the manifest and latent variables: A comparison of *LISREL* and *IRT* approaches. *Structural equation modelling*, 1(4), 487-513.
- Nehrke, M., Bellucci, G., & Gabriel, S. (1977-78). Death anxiety, locus of control and life satisfaction in the elderly: Toward a definition of ego-integrity. *Omega*, 8(4), 359-368.
- Neimeyer, R., Wittkowski, J., & Moser, R. (2004). Psychological research on death attitudes: An overview and evaluation. *Death Studies*, 28, 309-340. Consultado a 1 de Novembro de 2007, através da base de dados da EBSCO.
- Nunnally, J. C., & Bernstein, I. H. (1994). *Psychometric theory* (3rd ed.). New York: McGraw-Hill.
- Oliveira, J. (1998). Atitudes e ansiedade face à morte (estudo de duas escalas). In J. B. Oliveira (Ed.), *Viver a Morte – Abordagem Antropológica e Psicológica* (pp.213-235). Coimbra: Livraria Almedina.
- Oliveira, J. (2002). Ansiedade face à morte: Uma abordagem diferencial. *Psychologica*, 31, 161-176.
- Oliveira, J., & Neto, F. (2004). Validação de um instrumento sobre diversas perspectivas da morte. *Análise Psicológica*, 2 (XXII): 355-367.
- Orwoll, L., & Achenbaum, A. (1993). Gender and the development of wisdom. *Human Development*, 36, 274-296.
- Rasmussen, C., & Brems, C. (1996). The relationship of death anxiety with age and psychosocial maturity. *The Journal of Psychology*, 130(2), 141-144. Consultado a 1 de Novembro de 2007, através da base de dados da EBSCO.
- Ribeiro, J. P. (2007). *Avaliação em psicologia da saúde: instrumentos publicados em português*. Coimbra: Quarteto.

- Russac, R. J., Gatliff, C., Reece, M., & Spottswood, D. (2007). Death anxiety across the adult years: An examination of age and gender effects. *Death Studies*, 31(6), 549-561. Consultado a 18 de Dezembro de 2007 através da base de dados B-ON.
- Santos, J. C. (2005). *Ansiedade face à morte em idosos: influência de variáveis sócio-demográficas e do bem-estar subjectivo*. Dissertação de Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica, não publicada, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Santos, S. A. (2004). *A influência da idade, da institucionalização, do género e da religião sobre a ansiedade face à morte em idosos* (Monografia de Licenciatura em Psicologia Clínica). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Satorra, A., & Bentler, P. M. (1994). Corrections to test statistics and standard errors in covariance structure analysis. In A. von Eye, & C. C. Clogg (Eds.), *Latent variable analysis* (pp. 399-419). Thousand Oaks, CA: SAGE.
- Satorra, A., & Bentler, P. M. (2001). A scaled difference chi-square test statistic for moment structure analysis. *Psychometrika*, 66(4), 507-514.
- Sheikh, J. I., & Yesavage, J. A. (1986). *Geriatric Depression Scale (GDS): Recent evidence and development of a shorter version*. *Clinical Gerontology: A Guide to Assessment and Intervention*, 165-173. NY: The Howarth Press. Consultado a 11 de Novembro de 2007, através do site <http://www.stanford.edu/~yesavage/GDS.html>
- Simões, A., & Neto, F. (1994). Ansiedade face à morte. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 28(1), 79-96
- Smieja, M., Kalaska, M., & Adamczyk, M. (2006). Scared to death or scared to love? Terror management theory and close relationships seeking. *European Journal of Social Psychology*, 36, 279-296. Consultado a 1 de Novembro de 2007, através da base de dados da EBSCO.

- Smith, J., & Baltes, P. (1990). Wisdom-related knowledge: Age/Cohort differences in response to life-planning problems. *Developmental Psychology*, 26(3), 494-505.
- Staudinger, U., & Baltes, P. (1996). Interactive minds: A facilitative setting for wisdom-related performance? *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(4), 746-762. Consultado a 18 de Dezembro, de 2007, através da base de dados da EBSCO.
- Steiger, J. H. (1990). Structural model evaluation and modification: An interval estimation approach. *Multivariate Behavioral Research*, 25(2), 173-180.
- Sternberg, R. (2004). Words to the wise about wisdom? A commentary on Ardelt's critique of Baltes. *Human Development*, 47, 286-289. Consultado a 21 de Fevereiro de 2008 através do site <http://content.karger.com/ProdukteDB/produkte.asp?Aktion=ShowFulltext & ArtikelNr=79155&Ausgabe=230255&ProduktNr=224249>
- Sternberg, R. (2005). Older but not wiser? The relationship between age and wisdom. *Ageing International*, 30(1), 5-26. Consultado a 11 de Novembro de 2007, através da base de dados da B-ON.
- Suhail, K., & Akram, S. (2002). Correlates of death anxiety in Pakistan. *Death Studies*, 26, 39-50. Consultado a 1 de Novembro de 2007, através da base de dados da EBSCO.
- Takahashi, M., & Overton, W. (2002). Wisdom: A culturally inclusive development perspective. *International Journal of Behavioral Development*, 26(3), 269-277. Consultado a 9 de Novembro de 2007, através da base de dados da EBSCO.
- Thorson, J., & Davis, R. (2000). Relocation of the Institutionalized Aged. *Journal of Clinical Psychology*, 56(1), 131-138.
- Thorson, J., & Powell, F. C. (1988). Elements of death anxiety and meanings of death. *Journal of Clinical Psychology*, 44(5), 691-701. Consultado a 1 de Novembro de 2007 através da base de dados da EBSCO.

- Thorson, J., & Powell, F. C. (1990). Meanings of death and intrinsic religiosity. *Journal of Clinical Psychology, 46*(4), 379-391. Consultado a 1 de Novembro de 2007 através da base de dados da EBSCO.
- Thorson, J., & Powell, F. (1992). A revised death anxiety scale. *Death Studies, 16*, 507-521.
- Thorson, J. A., & Powell, F.C. (1994). Revised death anxiety scale. In R. A. Neimeyer (Ed.), *Death anxiety handbook: Research, instrumentation, and application*, pp.31-43, Washington, DC: Taylor & Francis.
- Tomer, A., & Eliason, G. (1996). Toward a comprehensive model of death anxiety. *Death Studies, 20*, 343-365. Consultado a 1 de Novembro de 2007, através da base de dados da EBSCO.
- Tomer, A., & Eliason, G. (2000a). Attitudes about life and death: Toward a comprehensive model of death anxiety. In A. Tomer (Ed.), *Death attitudes and the older adult* (pp.3 - 21). Philadelphia, PA: Brunner-Routledge.
- Tomer, A., & Eliason, G. (2000b). Beliefs about self, life, and death: Testing aspects of a comprehensive model of death anxiety and death attitudes. In A. Tomer (Ed.), *Death attitudes and the older adult* (pp.137-153). Philadelphia, PA: Brunner-Routledge.
- Tomer, A., Eliason, G., & Smith, J. (2000). The structure of the revised death anxiety scale in young and old adults. In A. Tomer (Ed.), *Death attitudes and the older adult* (pp.109-121). Philadelphia, PA: Brunner-Routledge.
- Ullman, J. (1996). Structural equation modeling. In B. Tabachnick, & L. Fidell (Eds.) *Using multivariate statistics* (pp.709-819). New York: Harper Collins College.
- Vandenplas-Holper, C. (2000). *O desenvolvimento psicológico na idade adulta e durante a velhice (maturidade e sabedoria)*. Porto: Edições Asa.

- Walker, G., & Maiden, R. (1987). *Lifespan attitudes toward death*. Comunicação Apresentada entre 9-12 de Abril no Annual Meeting of the Eastern Psychological Association, Arlington.
- Wass, H., & Myers, J. (1982). Psychosocial aspects of death among the elderly: A review of the literature. *Personnel and Guidance Journal*, 61(3), 131-137.
- Webster, J. D. (2003). An exploratory analysis of a Self-Assessed Wisdom Scale. *Journal of Adult Development*, 10(1), 13-22. Consultado a 11 de Novembro, de 2007, através da base de dados da B-ON.
- Webster, J. D. (2007). Measuring the character strength of wisdom. *Int'l J. Aging and Human Development*, 65 (2), 163-183.
- Webster, J. D., & McCall, M. (1999). Reminiscence functions across adulthood: A replication and extension. *Journal of Adult Development*, 6(1), 73-85. Consultado a 11 de Novembro, de 2007, através da base de dados da B-ON.
- Wink, P., & Helson, R. (1997). Practical and transcendent wisdom: Their nature and some longitudinal findings. *Journal of Adult Development*, 4(1), 1-15.

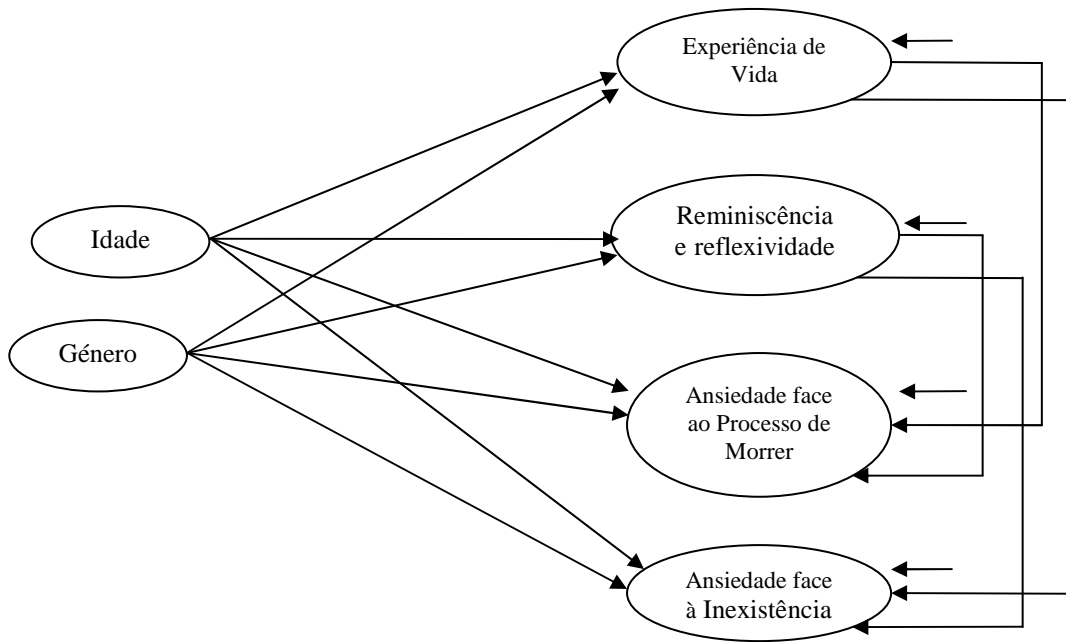


Figura 1: Modelo Preditivo da Ansiedade Face à Morte em Adultos Idosos.

Tabela 1. *EAAS: índices de ajustamento dos modelos testados*

Modelo (itens)	$SB\chi^2/gl$ (ratio)	CFI	SRMR	RMSEA (IC 90%)	ECVI (IC 90%)	ECVI Msat.
EV (8)	23.65/20 (1.18)	0.89	.075	.03 (0.0; .071)	.28 (.26; .36)	.36
RE (8)	10.17/20 (0.5)	.97	.45	0.0 (0.0; 0.0)	.26 (.26; .26)	.36
RR (8)	25.61/20 (1.28)	.94	.055	.38 (0.0; .076)	.29 (.26; .38)	.36
Humor (8)	27.24/20 (1.36)	.97	.046	.04 (0.0; .08)	.30 (.26; .39)	.36
AE (8)	22.13/20 (1.11)	.95	.05	.023 (0.0; .067)	.27 (.26; .35)	.36
AE (7)	16.01/14 (1.14)	.97	.048	.027 (0.0; .076)	.22 (.21; .29)	.28
M1 (39)	909.09/692 (1.31)	.90	.083	.033 (.026 ; .038)	3.65 (3.40 ; 3.93)	5.25
M2 (29)	459.36/367 (1.25)	.93	.069	.029 (.020 ; .037)	2.00 (1.83 ; 2.20)	2.93
MH (29)	503.53/372 (1.35)	.92	.098	.035 (.026; .042)	2.12 (1.94; 2.33)	2.93

*Nota.* IC = intervalo de confiança; Msat = modelo saturado; EV = Experiência de Vida; RE = Regulação Emocional; RR = Reminiscência e Reflexividade; AE = Abertura à Experiência; M1 e M2 = Modelo Pentadimensional Oblíquo; MH = Modelo Pentadimensional Hierárquico

Tabela 2. EAAS (M5): factores, itens, cargas factoriais e coeficientes de determinação

Factores	Itens	CF	R <sup>2</sup>
Experiência de Vida	1	.74	.54
	6	.52	.27
	16	.50	.25
	26	.84	.71
Regulação Emocional	2	.64	.40
	12	.74	.54
	17	.77	.59
	22	.73	.53
	27	.77	.59
	32	.67	.44
Reminiscência e Reflexividade	3	.81	.66
	8	.86	.74
	13	.89	.78
	18	.83	.69
	23	.85	.72
	28	.87	.76
	33	.76	.57
	38	.69	.47
Humor	4	.78	.61
	9	.71	.50
	14	.73	.53
	19	.71	.50
	24	.78	.60
	29	.70	.49
	39	.63	.40
Abertura à Experiência	5	.63	.39
	10	.67	.45
	25	.77	.59
	30	.57	.33

Nota. CF = cargas factoriais; R<sup>2</sup> = coeficiente de determinação

Tabela 3. *MPAM em Adultos Idosos: índices de ajustamento dos modelos testados.*

Modelo	$SB\chi^2/gl$ (ratio)	CFI	SRMR	RMSEA (IC 90%)	ECVI (IC 90%)	ECVI Msat.
M1	419.32/288 (1.46)	.90	.12	.039 (0.031 ; 0.047)	1.84 (1.67; 2.03)	2.36
M2	393.64/287 (1.37)	.91	.076	.035 (0.026 ; 0.044)	1.76 (1.59; 1.95)	2.36

*Nota.* IC = intervalo de confiança; Msat = modelo saturado; M1 = MPMA com Adultos Idosos; M2 = M1 com covariância do ruído entre os factores Experiência de Vida e Reminiscência e Reflexividade

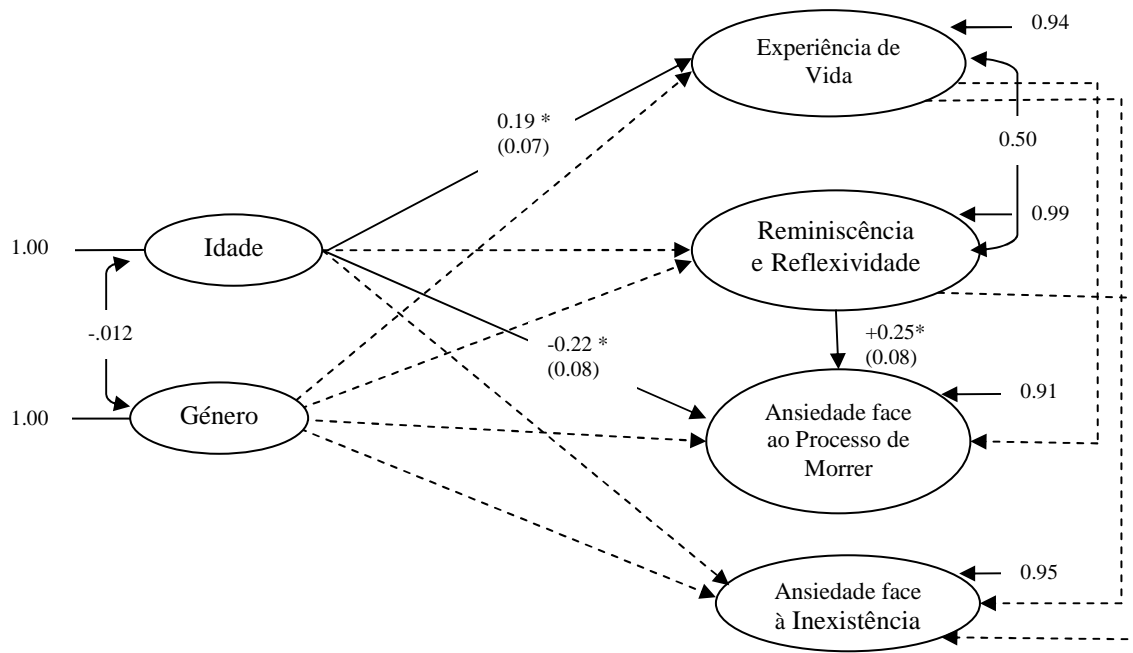


Figura 2: Teste do Modelo da Ansiedade Face à Morte em Adultos Idosos. Setas descontinuas = relações estatisticamente não significativas. \*  $p < .05$ .

## A Sabedoria

O estudo da Sabedoria remonta aos primórdios da humanidade, porém, a sua investigação no campo da Psicologia ainda é limitada. Como se trata de um tema controverso e abrangente, visto por alguns como uma utopia, a sabedoria é, assim, a aresta do conhecimento sobre a condição humana, os meios e os fins da vida (Baltes, 2004).

Se nos debruçarmos sobre a sua evolução histórica, percebe-se que a sabedoria é um conceito com uma história abundante, datando mais de 5000 anos (Takahashi & Bordia, 2000) e, por isso, apresenta diferenças na sua definição, consoante se insira nas culturas Ocidental (mais ênfase na dimensão cognitiva) ou Oriental (integra as componentes cognitivas, reflectivas e afectivas da sabedoria) (Ardelt, 2003), vindo o grande contributo para a temática do Antigo Egipto, da Mesopotâmia, da Pérsia, da Índia e da China. Quanto à cultura Ocidental, a literatura da sabedoria reporta-se a partes do Antigo Testamento e aos Clássicos Gregos e Romanos (ver Baltes, 2004).

A primeira literatura (nomeadamente, na Mesopotâmia e no Antigo Egipto) relacionada com o tema consistia em provérbios, máximas e frases que remetiam para valores e modos de se ser um membro produtivo e de boa conduta na sociedade (Baltes, 2004). Por sua vez, na China, a literatura acerca do tema centrava-se no confucionismo, onde a sabedoria ou o sábio eram definidos como um ideal de pessoa ou um homem superior, isto é, para Confúcio a sabedoria era um todo integrado de perfeição na mente, personalidade e produtividade social (Baltes, 2004). Mais tarde, na Ásia, o conceito de sabedoria surge associado ao Budismo. Assim, podemos concluir que a sabedoria se relaciona com o conselho e o conhecimento e repercute-se numa ampla escala de manifestações, desde simples advertências sobre a prática da vida diária (literatura da Mesopotâmia e do Egipto), aos diálogos profundos do significado espiritual e transcendental da vida, às afirmações detalhadas e coordenadas de um ideal ou homem superior (sabedoria confucionista), a um trajecto muito diferenciado face à aquisição de um estado de iluminação e um conjunto de virtudes que, correcta e felizmente, nos permitem pensar e sentir (sabedoria budista) (Baltes, 2004).

Depois de Cristo, o conceito de sabedoria surge na cultura Ocidental anexado ao Antigo Testamento, onde constam breves observações na natureza da realidade, instruções sobre a conduta da vida, um extenso discurso sobre o significado mais profundo da vida e descrições onde se reconhece a natureza divina da sabedoria (ver Baltes, 2004). Assim, a sabedoria foi

considerada como a sabedoria de Deus, o que faz com que os seres humanos nunca possam ser perfeitos (Baltes & Kunzmann, 2004). É ainda na cultura Ocidental que a Filosofia surge como a ciência pioneira no estudo da sabedoria, tendo o seu início na Grécia Antiga, com os filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles. Nesta altura, a sabedoria era considerada uma virtude intelectual e o meio para que os sujeitos e as comunidades vivessem bem, apesar das incertezas da vida humana (Kekes, Nussbaum, Taylor, in Baltes & Smith, 2008). Platão cita três tipos distintos de sabedoria: (a) *sophia*, vista naqueles que aspiram uma vida contemplativa à procura da verdade; (b) *phronesis*, um tipo de sabedoria prática mostrada por políticos e legisladores; e (c) *episteme*, vista naqueles que apreendem os assuntos através de um ponto de vista científico (Robinson, in Sternberg, 2005). Mais tarde, com a filosofia Cristã, Augustine e Tomás de Aquino integram o estudo do conceito (in Baltes, 2004).

Na época do Renascimento, e com o movimento Humanista surge, o segundo pico no estudo da sabedoria com Cusanos e Charron e, posteriormente, o Empirismo e o Iluminismo também deram o seu contributo com os trabalhos de Francis Bacon e de Kant (in Baltes, 2004). Por fim, surge a primeira enciclopédia francesa (entre 1751 e 1780), que faz uma compilação do conhecimento acumulado até à época (ver Baltes, 2004).

Podemos, então, observar que até aqui a sabedoria, além de ser reservada a entidades divinas, lida com o conhecido, a incerteza e o desconhecido (Baltes & Smith, 2008). Toda a literatura antiga sugere que a sabedoria humana implica conhecer o que é incerto e porquê, sendo esta característica mais óbvia nos registos que lidam com questões do significado da vida e o relacionamento humano com o super natural, e enfatiza uma relação entre o intelecto e a virtude (carácter) (Baltes, 2004).

No século XX, a sabedoria integra uma construção interdisciplinar, a qual requer a participação de várias ciências (Baltes, 2004). Deste modo, surgem novos atributos do conceito: estar orientada para e guiar activamente o conhecimento referido a uma boa vida; ser um conhecimento holístico, integrado, equilibrado e experimental; ser um conhecimento sobre os limites e o incerto e sobre o pluralismo e a tolerância da diversidade, e ser também um conhecimento justificado, que considere múltiplas fontes de conhecimento (Baltes, 2004). Como a sabedoria é complexa, com uma profundidade cultural e uma reflexão intelectual, é nesta altura que a Psicologia surge com uma visão positiva do envelhecimento humano (Baltes, 2004). Porém, Baltes (2004) diz que uma abordagem psicológica está apta a falhar se

não reconhecer os seus limites e se não se situar devidamente no terreno que varia entre a Filosofia e as ciências comportamentais.

Em suma, a história cultural do conceito de sabedoria sugere que este abrange um nível elevado de conhecimento e de aquisição pessoal através de um longo domínio de funcionamento pessoal e interpessoal, ou seja, a sabedoria surge em diversos contextos, distribuída ao longo do tempo e do espaço. Além disso, a sabedoria, ao longo da história, encontra-se relacionada com conceitos cognitivos, psicológicos, sociais e morais, além de estar associada a um carácter ideal, o qual lhe confere um estatuto de utopia. Assim, dada a falta de estudos e as incongruências que existem entre eles, torna-se relevante a continuação da investigação nesta área, contribuindo-se assim para a progressão da mesma.

O que é a sabedoria?

A sabedoria é um objectivo do desenvolvimento frequentemente almejado, mas não é um conceito fácil de definir. Além disso, encontra-se relacionada com um leque de atributos positivos e de experiências prezadas pelos outros (Coleman & O'Hanlon, 2004). Enquanto que, para Arlin (in Ardel, 1997), a sabedoria é a arte de questionar, para Meacham (in Ardel, 1997) esta é definida em termos de conhecimento ou de ignorância. É um conceito que reflecte uma grande inteligência e maturidade (Sternberg, in Coleman & O'Hanlon, 2004), uma grande desenvoltura do ego, autonomia e propensão psicológica (Wink & Helson, in Coleman & O'Hanlon, 2004), saúde psicológica (Ardelt, 1997; Erikson et al., in Coleman & O'Hanlon, 2004), um enorme sucesso em lidar com os desafios da vida (Kramer, in Coleman & O'Hanlon, 2004), um envelhecimento bem sucedido (Baltes et. al., in Coleman & O'Hanlon, 2004) e inclui a capacidade de raciocinar completamente com abstracções (Kitchener & Brenner, in Takahashi & Overton, 2002). A sabedoria ajuda ainda as pessoas a lidar com as perdas inevitáveis ocorridas durante a vida (Coleman & O'Hanlon, 2004) e está inerentemente ligada a um sistema colectivo do conhecimento (Staudinger & Baltes, 1996).

Baltes e Staudinger (1993, 2000) definem a sabedoria como um sistema perito de conhecimento, alusivo às pragmáticas fundamentais da vida e defendem que esta pode ser encarada em termos de um conhecimento factual e processual sobre as mesmas. Os autores (1993, 2000) entendem por pragmáticas fundamentais da vida, o conhecimento e julgamento sobre a essência da condição humana e os modos e meios de planear, controlar e apreender uma boa vida. Este conceito inclui ainda um conhecimento e julgamento sobre o significado e

conduta da vida e a orquestração do desenvolvimento humano, atendendo em conjunto ao bem-estar colectivo e individual (Baltes & Staudinger, 2000; Baltes et al., Blanchard-Fields & Hess, Staudinger, Staudinger & Pasupathi, in Baltes, Staudinger & Lindenberger, 1999), e indica apenas os níveis superiores de *performance* (Staudinger & Baltes, 1996).

Por sua vez, Staudinger, Maciel, Smith e Baltes (1998) descrevem a sabedoria como uma integração bem sucedida das artes liberais (conhecimento) e das virtudes (personalidade ou carácter), além de ser um ideal do desenvolvimento humano (Staudinger & Baltes, 1996) e um modo de saber que abrange verdades universais, que hierarquiza valores e que tenta conhecer a relação entre os vários aspectos da realidade (Marchand, 2005a). Para Webster (2007), “a sabedoria é a *competência* em, a *intenção* para e a *aplicação* de, experiências *críticas* de vida que facilitam um *desenvolvimento óptimo* do *próprio* e dos *outros*” (p.164, sublinhados do autor).

No fundo, o conceito contempla a noção de perfeição, utopia, integração, quer individual, quer colectivamente (Baltes & Staudinger, 2000), do conhecimento e carácter na mente e na virtude (Baltes & Kunzmann, in Kunzmann & Stange, 2007). Contudo, a evolução do constructo pode ter um lado negativo, pois este traz um grande perigo, preocupação e responsabilidade (Csikszentmihalyi & Rathunde, in Coleman & O’Hanlon, 2004), o que pode provocar mágoas, por experiências e relações ocorridas e por acções irresponsáveis ou destrutivas que os seres humanos dirigem aos outros (Coleman & O’Hanlon, 2004).

De acordo com Baltes (2004), o significado semântico da sabedoria contempla a noção de conhecimento e a capacidade de aplicar a informação à evolução do próprio ou de outros. O autor propõe, então, sete propriedades inerentes à sabedoria: (1) remete para questões e estratégias úteis e problemáticas acerca da conduta e significado da vida; (2) inclui conhecimento sobre os limites do mesmo e das incertezas do mundo; (3) expõe um nível deveras superior de conhecimento, julgamento e conselho; (4) constitui um conhecimento excepcional, extenso, profundo e equilibrado; (5) envolve uma orquestração do conhecimento e das virtudes; (6) representa o saber usado para o bem ou o bem-estar do próprio e dos outros; e (7) embora difícil de obter e especificar, a sabedoria é facilmente reconhecida quando manifestada (Baltes, 2004; Baltes & Staudinger, 2000).

Baltes (2004) menciona, ainda, três formas de sabedoria: a resolução de problemas, os provérbios e as máximas. Enquanto a primeira subentende a aptidão de lidar com e resolver criativamente os problemas difíceis da condição humana, os dois últimos transmitem crenças

populares do nosso dia-a-dia e integram uma sabedoria prática. Mas, apesar de os provérbios incluírem uma reflexão da acção e as máximas enviarem para uma instrução directa do que deve ser feito, estas formas de sabedoria contradizem-se.

Por outro lado, a sabedoria é um constructo que denota aspectos particulares, culturais e universais (Baltes, 2004). De entre as características universais sobressai o conhecimento colectivo (o qual tem um forte alicerce no social e na colectividade), os atributos individuais (personalidade), os modos de pensamento (cognição) e os tópicos metafísicos. Assim, a sabedoria é o indicador da evolução cultural e de uma produção cooperativa associada ao discurso e à colaboração (Baltes, 2004).

Quanto ao conhecimento colectivo, Baltes (2004) alude que o desempenho em tarefas da sabedoria promove a interacção social, ou seja, a *performance* neste tipo de tarefas pode crescer significativamente, caso as pessoas se juntem para um pensamento partilhado, com aqueles que elas respeitam como peritos nas matérias da condição humana ou que julgam sábios. Segundo Rogoff (in Baltes, 2004), a sabedoria envolve a aprendizagem e é esperada ser dependente da orquestração do bem social, na optimização do desenvolvimento humano. Deste modo, a capacidade social é um elemento chave da sabedoria (Happé, Brownell & Winner, 1998). Por outro lado, a cognição integra a inteligência emocional e social, onde se prevê que sujeitos bons nestas dimensões e com capacidade de regulação emocional associada aos dilemas da vida, estão mais aptos a obter níveis elevados de sabedoria e a serem reconhecidos como sábios. Todavia, isto só é verdade caso estas fontes de inteligência sejam investidas em objectivos que incidam no bem social da sabedoria (Baltes, 2004).

Por fim, pensa-se que as pessoas que obtêm resultados elevados na sabedoria exibem um perfil positivo de funcionamento ao seu redor e sejam atractivas aos outros, isto, porque a sabedoria é o resultado de um caminho positivo do desenvolvimento pessoal e intelectual (Baltes, 2004). Staudinger e Baltes (1996) reforçam esta ideia, dizendo que a sabedoria é por definição difícil de ser encontrada num único indivíduo que opere isoladamente, mas pelo contrário encontra-se em contextos que promovam uma múltipla interacção da mente.

Na literatura evidencia-se ainda mais três aspectos do desenvolvimento da sabedoria: o primeiro expõe que esta é alcançada através de um processo contínuo de aquisição e transformação; o segundo implica que o constructo derive da conexão de circunstâncias múltiplas e sistemáticas, que o promovem (Baltes, 2004); e o terceiro consiste no facto deste ser inerentemente intra e interpessoal (Kunzmann & Stange, 2007).

Outro autor de destaque é Erikson (in Baltes, 2004), o qual sugere que, na idade adulta, muita da nossa atenção e interesses voltem a ser produtivos em nome de outros (generatividade) e a abranger uma solução integrativa do significado da vida e da morte (sabedoria). Para Erikson (in Marchand, 2005a), a sabedoria é um sinal da resolução bem sucedida de uma crise no desenvolvimento, a qual resulta do alcance da integridade do ego na idade avançada. A integração emocional e cognitiva, onde a sabedoria está edificada, resulta de um envolvimento vital entre esferas sociais divergentes em períodos precoces da vida (Erikson, in Coleman & O'Hanlon, 2004). A aquisição da integridade do ego não envolve apenas a reflexão sobre a própria vida, mas também implica uma aceitação da sociedade que permanecerá depois da morte do indivíduo, e por isso, a aceitação da morte é algo central neste estágio da vida (Erikson, in Coleman & O'Hanlon, 2004). Por outro lado, o autor (in Coleman & O'Hanlon, 2004) descreve a sabedoria como uma parte madura da personalidade que se desenvolve tardiamente durante a idade adulta.

Em suma, os indivíduos nomeados como sábios são socialmente habilidosos, bons ouvintes e bons observadores, aprendendo com os seus erros e dos outros, ou seja, a sabedoria reporta-se a um saber perito (Marchand, 2005b).

Com base em todas estas definições e particularidades do conceito, Baltes (2004) refere quatro razões científicas para o estudo da sabedoria. A primeira relaciona-se com o seu significado transcultural e histórico; a segunda considera a sabedoria como um marco de excelência no desenvolvimento humano; a terceira razão consiste na procura de índices positivos do envelhecimento; e a quarta razão menciona que a sabedoria pode ser uma estratégia cognitiva e emocional, que orchestra um elevado nível (heurística) do raciocínio sobre a vida e a mente e a virtude da orquestração para a excelência (Baltes & Staundinger, in Baltes, 2004). Neste sentido, a sabedoria é um propósito geral da vida heurística que visa o bem-estar do próprio e dos outros (Baltes et al., 1999) e é apreendida como uma aliança dos atributos que representam uma integração de qualidades cognitivas, afectivas e reflexivas. De acordo com Baltes (2004), a sabedoria é uma matéria da mente, do carácter e da virtude.

#### Operacionalização do constructo

A sabedoria é um constructo complexo e multidimensional (Taranto, in Ardelt, 1997; Webster, 2003). Contudo, nem todas as suas dimensões são encontradas num só indivíduo, o que leva Assmann (in Baltes, 2004), a defender a concepção de múltiplas sabedorias em

detrimento de uma única. Devido à complexidade do tema, diversas perspectivas explicativas surgiram, sendo que em cada uma delas, os autores defendem diferentes dimensões e categorias, as quais operam de um modo holístico (Webster, 2003).

Baltes e colaboradores seguem uma abordagem do desenvolvimento intelectual, a qual, ao longo do ciclo de vida, propõe a distinção entre duas categorias do funcionamento intelectual: a cognição mecânica e pragmática (Marchand, 1998). A cognição mecânica abrange o pensamento, a orientação espacial ou a rapidez perceptual e geralmente mostra um declínio linear monótono e brutal com o avançar da idade. Por outro lado, a cognição pragmática está associada a corpos de conhecimento adquiridos através da e pela mediação cultural e envolve o conhecimento verbal (memória semântica) e algumas vertentes da aptidão numérica, apresentando, por isso, relações positivas com a idade. Porém, este tipo de cognição também sofre um declínio visível a partir dos 70 anos (Baltes et al., 1999; Baltes & Staudinger, 1993). Na base desta divisão encontram-se as teorias precoces da inteligência, como as teorias da inteligência cristalizada e fluida de Cattell e Horn (Kunzmann & Stange, 2007; Marchand, 2005a), sendo que a inteligência mecânica está para a inteligência fluida, como a inteligência cristalizada está para a inteligência pragmática (Oliveira, 2006).

De acordo com Smith e Baltes (1990), a sabedoria representa um protótipo exemplar da cognição pragmática que só pode ser adquirida por um processo extensivo e intensivo de aprendizagem e prática. Na concepção de um processo dual, Baltes e Staudinger, (1993), distinguem entre duas categorias principais do intelecto: o biológico (cognição mecânica) e o cultural (cognição pragmática). Porém, a sabedoria, como um conhecimento perito sobre os problemas fundamentais da vida (que sobretudo são complexos e mal definidos, com múltiplas e desconhecidas soluções), está prestes a expandir este modelo dual do processamento do funcionamento intelectual, para se ligar ao método psicométrico (Baltes & Smith, Baltes & Staudinger, in Kunzmann & Stange, 2007). Dado que é um conceito distinto de outros que apreendem a integração do intelecto e do carácter, o seu progresso e aperfeiçoamento requer uma união entre o contexto (tais como o género, a cultura e a rede social do sujeito), os factores individuais (como por exemplo, as capacidades intelectuais, os traços de personalidade, ou a disposição emocional) e os factores inerentes à perícia (provenientes de determinadas experiências de vida, da prática profissional e da recepção e transmissão de conhecimentos) (Baltes & Staudinger, 2000; Kunzmann & Stange, 2007).

Assim, aprovaram-se cinco critérios essenciais para a aquisição pragmática de um estado assente no conhecimento da sabedoria. Estes critérios denotam quer os conteúdos quer os processos (contextualização do ciclo de vida, um valor relativo e o reconhecimento e manuseamento da incerteza) e contêm um conhecimento factual e processual indispensáveis ao constructo (Baltes & Staudinger, 1993, 2000; Baltes, Staudinger, Maercker & Smith, 1995; Smith & Baltes, 1990; Staudinger et al., 1998). Estes critérios, que estão contidos nas respostas verbais dos sujeitos a problemas difíceis e incertos da vida, constituem uma estrutura avaliativa da quantidade e qualidade de conhecimento e julgamento referente à sabedoria (Staudinger & Baltes, 1996). Os autores propõem, ainda, olhar-se para o envelhecimento cognitivo em termos de processo, isto é, em termos da evolução ao longo da vida (Baltes et al., 1999; Baltes, Salthouse, in Fonseca, 2006).

Segundo Ardel (in Baltes & Kunzmann, 2004), a ideia da sabedoria de Baltes e colaboradores vê o conceito como uma matéria do intelecto e do crescimento intelectual. A teoria actua sobre o conhecimento para e as crenças de uma boa vida, na eminência da mente e da virtude, características essenciais referentes ao significado e conduta da vida e modos de adquirir um perfeito equilíbrio entre o bem pessoal e comum (Baltes & Kunzmann, 2004). Por outro lado, os autores (2004) encaram a sabedoria como uma utopia da mente e da virtude, e por isso as pessoas sábias são consideradas como ilustrações imperfeitas da sabedoria.

Ainda dentro da dimensão cognitiva, Sternberg elaborou um modelo tri-dimensional da sabedoria, o qual estuda o conhecimento implícito e a componente prática da inteligência como o núcleo do constructo (in Kunzmann & Stange, 2007). Para Sternberg (2005), a sabedoria consiste numa aplicação da inteligência, criatividade e conhecimento a um bem comum, através do equilíbrio de interesses intrapessoais (o próprio), interpessoais (os outros) e extrapessoais (contexto), e da mediação de valores. Esta teoria difere da perspectiva de Baltes, porque enfatiza mais o modo como as pessoas usam o conhecimento, do que o próprio conhecimento (Sternberg, 2004, 2005). Sternberg (2004, 2005) sugere, ainda, uma interacção entre a pessoa, a tarefa e a situação e advoga que um indivíduo sábio num contexto, não o é necessariamente noutra. Além disso, a frequência da sapiência varia conforme as pessoas, sendo que ninguém é constantemente sábio (Sternberg, 2004). Sternberg (2004) diz que este tipo de conhecimento ajuda os indivíduos a atingir objectivos e valores pessoais, que só podem ser adquiridos através da aprendizagem das próprias experiências, e não através da leitura ou das instruções de outros.

Na abordagem Neo-Piagetiana, a sabedoria relaciona-se com o estágio pós-formal do pensamento (Labouvie-Vief, in Kunzmann & Stange, 2007; Sternberg, 2005), o qual se expressa pelo emergir de um pensamento fortuito ou dialético (Baltes et al., 1999). Aqui, a sabedoria é vista como a integração de diferentes modos de conhecimento (Labouvie-Vief, in Kunzmann & Stange, 2007), de pontos de vista opostos (Kitchener & Brenner, in Kunzmann & Stange, 2007) e de diferentes sistemas intra-psíquicos como a cognição, a emoção e a motivação (Birren & Fisher, Kramer, in Kunzmann & Stange, 2007). Para Kramer (in Kunzmann & Stange, 2007) o conceito requer três elementos emblemáticos do pensamento maduro – uma consciência da natureza relativa do conhecimento, a aceitação da contradição e a inclusão da contradição através de um pensamento dialético. Isto leva-o a propor um modelo com duas componentes: uma componente cognitiva (pensamento dialético e relativo) e uma componente da personalidade (desenvolvimento do ego, integração de processos de consciência e inconsciência, e regulação emocional).

Para além da componente cognitiva, há autores que defendem outras componentes, sem as quais a sabedoria não é inevitavelmente capturada (Coleman & O’Hanlon, 2004). Numa dimensão afectiva, a simpatia e a compaixão são características vitais para a ocorrência do conceito (Ardelt, 2003; Sternberg, in Coleman & O’Hanlon, 2004; Webster, 2003). Para Oliveira, (2006) a sabedoria é um traço (cognitivo e afectivo) da personalidade que se acentua com a experiência e com o avanço da idade, e conduz a um maior equilíbrio e maturidade.

Com base nesta abordagem, Ardelt (in Kunzmann & Stange, 2007) e Sternberg (2004, 2005) definem a sabedoria como uma propriedade pessoal. Ardelt (1997; 2000a; 2000b; 2003) diz que a sabedoria consiste na integração de dimensões reflexivas, cognitivas e afectivas, sendo a dimensão reflexiva um pré-requisito da aquisição de componentes cognitivas e emocionais. Assim, para a autora (1997; 2000a; 2000b; 2003), a reflexão incorpora a voluntariedade da pessoa e a habilidade de superar a subjectividade e projecção, pela observação dos acontecimentos e fenómenos sob diferentes perspectivas. Pela dimensão cognitiva, a autora apreende a capacidade pessoal de compreender a vida, ou seja, a capacidade de entender o significado e a profundidade do fenómeno. Por fim, a dimensão afectiva reflecte-se na presença de emoções positivas face aos outros (simpatia, compaixão) e na ausência de indiferença ou emoções negativas. Estas três dimensões não são independentes, mas pelo contrário reforçam-se umas às outras, com a componente reflectiva como dimensão principal (Ardelt, 2000a).

Ardelt (in Oliveira, 2006) advoga que o bem-estar subjectivo prediz a sabedoria, exercendo uma influência positiva na satisfação com a vida. A autora (2000a) considera, ainda, que uma infância vivida de uma forma bem sucedida, com afecto, suporte emocional e um ambiente familiar estável, promove a aquisição da sabedoria, na medida em que possibilita o amadurecimento de traços de personalidade como a tolerância, a abertura à experiência, a sinceridade e a auto-confiança. Para além da qualidade da infância, o desenvolvimento da sabedoria também depende do ambiente social (integração de ambientes físicos, culturais e intelectuais) do sujeito (Kunzmann & Stange 2007).

Nesta linha de ideias, Webster (2003, 2007) sugere cinco dimensões constituintes da sabedoria, que interagem de um modo holístico – Experiência de Vida, Regulação Emocional, Reminiscência e Reflexividade, Humor e Abertura à Experiência. Enquanto a Experiência de Vida e a Reminiscência e Reflexividade se relacionam mais com a idade, a Regulação Emocional, o Humor e a Abertura à Experiência ligam-se à personalidade.

Para Webster (2003, 2007) a sabedoria não se desenvolve num vácuo, mas emerge durante as difíceis exigências da vida, as quais conferem Experiência de Vida. No entanto, tal só é possível através duma resolução positiva dos problemas fundamentais e duma adaptação das estratégias de *coping* em ambientes stressantes. Quanto à Regulação Emocional, alguns autores defendem que esta é uma dimensão chave da sabedoria (Webster 2003, 2007), pois reconhecer, empregar e abraçar as emoções de um modo construtivo é uma mais-valia da sabedoria. Além disso, é uma dimensão que evolui à medida que a idade avança (Blanchard-Fields & Hess, Carstensen, Labouvie-Vief, in Baltes, 2004).

A Reminiscência e Reflexividade é entendida como uma reflexão avaliativa da vida passada e presente do próprio, e serve de anfitriã às funções psicológicas avaliadas, incluindo a formação e manutenção de identidade, a auto-compreensão, a resolução de problemas e a adaptação de estratégias de *coping*. Para Kramer (in Webster, 2003) a revisão da vida é uma das funções da sabedoria. Segundo Butler e Erikson (in Webster, 2003) a revisão da vida é sugerida como um mecanismo que permite o desenvolvimento da integridade do ego na idade adulta e muitas das funções positivas da reminiscência. A reminiscência é, então, o processo de evocar acontecimentos experimentados pelo próprio no passado e é um fenómeno natural que pode ser induzido intencionalmente face a um propósito peculiar, como a transmissão de uma lição de vida a outros (Webster & McCall, 1999).

Quanto ao Humor, esta é uma dimensão considerada pelo autor (2003, 2007), na medida em que os indivíduos sábios reconhecem, desfrutam e aplicam o humor numa variedade de contextos. Contudo, nem todo o tipo de humor contribui para a sabedoria, como por exemplo o sarcasmo. Por fim, a Abertura à Experiência permite aos sujeitos considerar pontos de vista alternativos, potenciais soluções e estratégias que as pessoas sábias usam para ultrapassar problemas difíceis (Webster, 2003, 2007).

Assim, para Webster (2003, 2007), a sabedoria é uma conjugação multidimensional de cinco dimensões interdependentes, onde cada uma destas é considerada necessária, mas não é suficiente por si só. Quando estas dimensões são holisticamente articuladas num grau elevado, o indivíduo é reconhecido como sábio (Webster, 2003, 2007). Em suma, enquanto Webster (2003, 2007), tal como Ardel (1997, 2000a, 2000b, 2004), se interessa mais pelo produto final da sabedoria, Baltes e colaboradores (1993, 2000) e Sternberg (2005) estão mais atentos ao processo pelo qual a sabedoria se desenvolve.

Para além destas perspectivas, Baltes e Staudinger (2000) dizem que, como a investigação psicológica na área é multifacetada, duas teorias primordiais podem ser assinaladas: as teorias implícitas e explícitas da sabedoria. É através das teorias implícitas, que as pessoas podem distinguir nitidamente a sabedoria de outras aptidões humanas como a inteligência ou a criatividade (Sternberg, 2005). Estas teorias circundam consistentemente a aliança das capacidades cognitivas, sociais, emocionais e motivacionais (Ardelt, 2004; Kunzmann & Stange, 2007; Sternberg, 1985). Assim, os resultados assentes nestas teorias sobre a sabedoria e as pessoas sábias permitem estabelecer cinco conclusões sobre o constructo: (1) é um conceito que carrega um significado específico sobre o que é fortemente partilhado e compreende-se através da linguagem; (2) é considerado um nível excepcional do funcionamento humano; (3) identifica um estado mental e comportamental que inclui uma coordenação, equilíbrio e interacção entre os aspectos intelectuais, afectivos e motivacionais do funcionamento humano; (4) está associado a um elevado grau de competência intra e interpessoal, incluindo a capacidade de escutar, avaliar e aconselhar; e (5) envolve boas intenções (Baltes & Staudinger, 2000).

No que concerne às teorias explícitas, estas vão além da caracterização da sabedoria e da pessoa sábia em termos de descrições baseadas na linguagem, centrando-se antes nas manifestações comportamentais e nas expressões da sabedoria (Baltes & Staudinger, 2000; Kunzmann & Stange, 2007). Este tipo de teorias respeita a construção teórica do constructo

que empresta ao inquérito empírico em termos de uma operacionalização quantificável, bem como à identificação de antecedentes, correlações e consequências relevantes da sabedoria e conceitos relacionados com esta (Baltes & Staudinger, 2000; Kunzmann & Stange, 2007; Sternberg, 1985).

Wink e Helson (1997) falam ainda de uma sabedoria prática e transcendente, que reflecte o desenvolvimento interpessoal (empatia, compreensão e maturidade em relacionamentos). Enquanto a sabedoria prática traduz um desenvolvimento intrapessoal, a sabedoria transcendente espelha o interesse e a capacidade em domínios transpessoais (Ardelt, 2004).

Após explicitar, resumidamente, algumas das abordagens teóricas da sabedoria, e demonstrar a operacionalização do constructo, compreende-se que a avaliação do mesmo varie segundo a abordagem defendida. Assim, a sabedoria é, no Estudo de Berlim operacionalizada não só de uma forma qualitativa mas também quantitativa. A abordagem qualitativa realiza-se através da colecção de protocolos de alto pensamento sobre a dificuldade e a incerteza dos dilemas da vida (Staudinger et al., 1998). No entanto, esta abordagem apresenta algumas limitações, uma vez que o programa refere-se à sabedoria como um corpo de conhecimento, em vez da sabedoria como pessoas sábias, e ignora a integração das características cognitiva, afectiva e reflectiva, que são típicas da sabedoria (Baltes & Kunzmann, 2004).

Por outro lado, a operacionalização quantitativa da sabedoria integra a grande maioria dos estudos, através de escalas, sendo as mais conhecidas a *Three-Dimensional Wisdom Scale* (Ardelt, 2003) e a *Self Assessed Wisdom Scale (SAWS)* (Webster, 2003, 2007).

Para Ardel (2003) a sabedoria nos adultos idosos relaciona-se positivamente com a saúde mental, a satisfação com a vida e a capacidade de lidar com o declínio físico e social perto da morte. Assim, para avaliar o constructo de acordo com as três componentes – cognitiva, reflectiva e emocional – a autora criou uma escala da sabedoria tri-dimensional. A fiabilidade da escala, medida através do alpha de Cronbach varia entre .71 e .85. Para além de ser um instrumento fiável, é um instrumento válido, denotando valores satisfatórios nas validades de constructo, preditiva, discriminante, de conteúdo e convergente. Esta escala, mostrou ainda uma correlação negativa com o evitamento da morte (-.33) e o medo da morte (-.56).

Dentro desta concepção multidimensional, Webster (2003), criou a SAWS com base nas cinco dimensões. Inicialmente a escala era composta por 30 afirmações que reflectiam cada dimensão, e era pedido aos participantes que indicassem o seu nível de concordância numa

escala de *Likert* com 6 pontos, onde 1 significava “totalmente em desacordo” e 6 “totalmente em acordo”. A cada dimensão correspondiam seis afirmações dos 30 itens. O resultado final da escala traduz o índice da força da sabedoria, sendo o ponto de corte 152 pontos, ou seja, apenas os resultados iguais ou superiores ao ponto de corte denotam sapiência. No que concerne às características psicométricas da prova, inicialmente a escala apresentava uma fidelidade .78, uma excelente validade discriminante e uma boa validade de constructo. Posteriormente, em 2007, o autor avaliou de novo a escala e para tal aumentou o número de itens para 40, correspondendo oito itens a cada dimensão. Relativamente à fidelidade, o método do teste-reteste obteve um valor de .84 e o  $\alpha$  de Cronbach o valor de .90. Por fim, o autor não verificou diferenças significativas quanto ao género.

Em suma, e segundo Glück, McAdams, Bluck e Baron (2005), os cenários hipotéticos de Baltes e os questionários da sabedoria de Webster e Ardelt são métodos úteis devido à sua standardização e propriedades. No entanto, Glück et al. (2005) propõem também o uso de narrativas autobiográficas, que sugerem que a sabedoria (1) envolve mais do que cognição, (2) está dependente do contexto e (3) alcança-se através da experiência de vida. As avaliações autobiográficas da sabedoria, porque são representações das experiências de vida complexas, envolvem mais do que o lado cognitivo da sabedoria. As acções, emoções, cognições e motivações são partes integrantes de tais narrativas (Glück et al., 2005).

#### Factores que influenciam a Sabedoria

No que respeita à relação da sabedoria com outros factores, esta, apesar dos poucos estudos existentes sobre a temática, tem sido relacionada, por exemplo, com a idade, o género, a *performance*, a personalidade e a profissão.

Concernente à idade, os estudos realizados são na sua maioria transversais e obtêm resultados distintos (Sternberg, 2005), ou seja, uns advogam a sapiência do adulto idoso (Ardelt, 2000a, 2003, 2004; Baltes & Smith, in Fonseca, 2006; Baltes & Staudinger, 1993; Takahashi & Overton, 2002; Wink & Helson, 1997), outros defendem o contrário (Baltes & Staudinger, 2000), e outros não encontram diferenças significativas (Baltes & Staudinger, 1993; Baltes, et al., 1995; Marchand, 1998; Smith & Baltes, 1990; Webster, 2003, 2007; Webster & McCall, 1999).

A ideia de que a sabedoria aumenta com a idade, nomeadamente, a sabedoria prática (Wink & Helson, 1997), encontra-se em toda a literatura oriunda das culturas Orientais e

Ocidentais (Clayton & Birren, in Denney, Dew & Kroupa, 1995). Wink e Helson (1997) justificam os resultados através da sua noção de sabedoria, a qual integra o desenvolvimento de uma compreensão profunda e enriquecedora do mundo, como resultado da aprendizagem, a partir das experiências de vida. Para Heckhausen, Dixon e Baltes (in Denney et al., 1995) os adultos tendem a ver a “sapiência” como um atributo que aumenta após os 55 anos e diminui a partir dos 85 anos. Para Baltes e Staudinger (2000) este declínio é mais precoce (cerca dos 75 anos), o que é compreensível à luz dos mecanismos fluidos do envelhecimento cognitivo, os quais tendem a declinar com o avanço da idade. Deste modo, para Baltes e colaboradores, a ontogenia e as suas limitações estão sempre na base do declínio da sabedoria com o avançar da idade, pois estes relacionam-na apenas com a dimensão cognitiva.

Todavia, Smith e Baltes, Smith e colaboradores, Staudinger e Staudinger e colaboradores (in Baltes et al., 1995), referem que os adultos idosos têm desempenhos tão bons quanto os jovens adultos. Apesar de nas tarefas da inteligência fluida e do processamento básico da informação os adultos idosos terem desempenhos inferiores aos jovens adultos, isto não é decisivamente verdade para as tarefas da sabedoria. Para Sternberg (in Glück & Baltes, 2006) a sabedoria pode aumentar com a idade, através do ensino e modos de pensamento. Baltes e Staudinger (2000) observaram que em tarefas da sabedoria que apelam ao uso de provérbios, os adultos idosos têm um desempenho superior aos jovens adultos, traduzindo-se isto num menor tempo de reacção. Os autores justificam os resultados, pelo facto de que, com a idade, as pessoas ganham conhecimento relacionado com a sabedoria, o qual é capturado nos provérbios e pode ser activado quando usado em problemas quotidianos. Por sua vez, Webster e McCall (1999) indicam que não há diferenças entre a sabedoria e a idade ao nível (a) da frequência de acontecimentos recordados transitórios ou não transitórios da vida; (b) da quantidade de afectos positivos nas recordações; (c) do carácter primário dos episódios da reminiscência, e (d) da redundância das memórias recordadas. No entanto, os autores (1999) encontraram efeitos significativos entre a idade e a reminiscência. Estes resultados não são corroborados por Webster (2003, 2007), que através da *Self Assessed Wisdom Scale*, não encontrou efeitos significativos para a idade.

Note-se, ainda, que os resultados que se obtêm na relação entre a sabedoria e a idade estão dependentes das concepções teóricas que os autores adoptam. Por exemplo, Sternberg (2005) fala de cinco pontos de vista generalizados nesta relação. O primeiro defende que a sabedoria se desenvolve com a idade. O segundo relaciona-se com a inteligência fluida e advoga que as

peessoas sofrem declínios neste tipo de inteligência com o envelhecer, ou seja, a sabedoria começa a diminuir no início da terceira idade. O terceiro, diz respeito à inteligência cristalizada e defende o acréscimo da sabedoria com o avançar da idade. O último ponto, o qual remete para a junção destas duas inteligências, é defendido por Meacham (in Sternberg, 2005) que diz que a sabedoria começa a diminuir monotonamente com a idade.

Porém, os autores admitem que a idade por si só é insuficiente para a sabedoria (Glück & Baltes, 2006; Sternberg, 2005; Webster, 2007) e apesar do desenvolvimento desta ser mais estimulado pelos conteúdos de vida, acontecimentos e mudanças sociais do que pela idade em si, eles estão interligados, pois à medida que o sujeito envelhece, este tem mais oportunidades para uma maturidade psicológica através de diversas experiências de vida (Erikson, in Takahashi & Overton, 2002). Para Staudinger, Lopez e Baltes (in Staudinger et al., 1998) a idade tem de se articular com as características pessoais e as condições experimentais, de modo a promover o progresso da sabedoria. Os autores referem ainda que os adultos idosos podem beneficiar de outras razões para o incremento da sabedoria, como uma melhor regulação emocional e uma propensão para a reminiscência face ao fim da vida (in Staudinger et al., 1998).

Quanto ao género (Orwoll & Achenbaum, 1993) e à *performance* (Baltes et al., 1995; Staudinger, Lopez & Baltes, 1997), a maioria dos estudos não apresenta diferenças significativas. No caso da sabedoria relacionada com género, Orwoll e Achenbaum (1993) analisaram esta relação em três níveis – cognitivo, afectivo e volitivo. Em todos eles, as diferenças não são significativas, obtendo as mulheres melhores resultados numas dimensões e os homens noutras. Webster (2003) refere que as mulheres apresentam resultados mais elevados na dimensão afectiva explícita, enquanto Ardelt (in Webster, 2003) demonstra que os homens têm resultados mais acentuados na dimensão cognitiva. Denney et al. (1995), no seu estudo referem que os homens tendem a ser nomeados como sábios mais frequentemente que as mulheres. Por sua vez, as mulheres tendem a descrever as pessoas sábias como pertencendo ao seu meio familiar, enquanto os homens enquadram estes no seu meio profissional (Vandenplas-Holper, 2000). Contudo, apesar dos estereótipos associados ao género, este não é uma condição base para o desenvolvimento da sabedoria (Vandenplas-Holper, 2000).

No que concerne à relação da sabedoria com o desempenho, Staudinger, Lopez e Baltes (in Staudinger et al., 1998) alegam que esta relação é melhor predita por medidas de

apreensão de componentes quer do funcionamento cognitivo quer da personalidade. Por seu turno, Staudinger e Baltes (1996) mostram que esta relação aumenta nos adultos idosos, quando estes são confrontados com a interacção real ou virtual com o outro, ou, de acordo com Coleman e O'Hanlon (2004) quando estes são questionados sobre factores relevantes das suas próprias vidas, ou seja, os autores referem que a interacção com as representações mentais do conhecimento dos outros tem um poder facilitador na *performance* relacionada com a sabedoria (Coleman & O'Hanlon, 2004).

Outra variável relacionada com a sabedoria é a personalidade, a qual tem demonstrado ser um poderoso preditor da *performance*, mais relacionada com a sabedoria do que com a inteligência (Staudinger, Lopez & Baltes, 1997). Assim, espera-se que os indivíduos sábios tenham uma maior tolerância à ambiguidade, uma maior tendência de abstenção para levar ao fim o encerramento de problemas e uma maior abertura da mente e flexibilidade, mas sempre com um grau suficiente de interesse no contacto social estabelecido e na empatia associada (Clayton & Birren, Holliday & Chandler, Orwoll & Perlmutter, Sowarka, Sternberg, in Staudinger, et al.,1998). Staudinger e Baltes (1996) e Staudinger, Lopez e Baltes (1997) dizem que as medidas existentes da personalidade e da inteligência não parecem ser bons preditores do desempenho relacionado com a sabedoria, mas que este é melhor previsto pelas medidas que capturam componentes da personalidade e do funcionamento cognitivo, e em especial por medidas criativas ou de estilo cognitivo. Contudo, Webster e McCall (1999) reportaram que o género e os traços de personalidade, mas não a idade, foram preditores significativos da reminiscência. Segundo, Staudinger et al., (1997) o conceito de sabedoria relacionado com o conhecimento e o julgamento e a sua operacionalização estão mais próximos das medidas de personalidade e da relação personalidade-inteligência do que da inteligência.

Relativamente à profissão, os autores indicam que esta intervém na sabedoria (Sternberg, 1985; Takahashi & Bordia, 2000). Baltes e colaboradores (1995, 2000) estudaram o papel da experiência profissional com uma amostra de psicólogos clínicos e compararam-na com jovens adultos e adultos idosos, com um nível educacional e uma idade semelhante aos psicólogos. Os autores concluíram que os psicólogos tinham resultados mais elevados na sabedoria quando relacionada com o desempenho do que o grupo de controlo (Baltes & Staudinger, 2000; Baltes et al., 1995). Estes profissionais têm resultados superiores nas tarefas da sabedoria em comparação com os grupos cujos profissionais estão fora da área dos

serviços humanos relacionados com a vida adulta (Smith et al., Staudinger et al., in Baltes et al., 1995; Staudinger & Baltes, 1996). Baltes e colaboradores, (1995) concluíram ainda que os adultos idosos encarados como sábios tiveram um desempenho tão bom quanto os psicólogos clínicos. Estes adultos idosos excederam-se nas tarefas de gestão existencial da vida e no critério do valor relativo (Baltes et al., 1995).

Num estudo de Sternberg (1985) foram seleccionados vários profissionais de distintas áreas avaliados em características comportamentais que correspondem à sua noção de protótipo de sábio, criativo e inteligente. Apesar dos participantes dentro de cada grupo profissional alcançarem elevados consensos sobre as características comportamentais listadas, os resultados demonstraram alguma discordância entre os profissionais, nomeadamente, no grau com o qual os três constructos se correlacionam entre si. Assim, a sabedoria tem uma correlação mais elevada com a inteligência do que com a criatividade. Orwoll e Perlmutter (in Kunzmann & Stange, 2007) compararam idosos considerados sábios com idosos considerados criativos, e observaram que os idosos sábios tinham resultados significativamente superiores quer na generatividade, quer na criatividade, do que os idosos considerados criativos.

Uma outra relação estabelecida com a sabedoria foi as mentes interactivas da cognição (Baltes & Staudinger, 1996; Resnick, Levine, & Teasley, Rogoff, Staudinger, in Baltes, 2004). Quando a sabedoria é testada num nível individual de *performance* são poucas as pessoas que conseguem atingir níveis distintos. Porém, quando as pessoas têm a oportunidade de participar num discurso social sobre os dilemas da vida recorrendo a formas de sabedoria, observam-se aumentos consideráveis nas *performances* individuais, ou seja, a sabedoria é um caso onde os efeitos positivos da colaboração cognitiva e das transacções sociais resplandecem e onde, com a oportunidade para o discurso social acerca do problema em mãos, se pode ir além do nível de realização. Isto é tanto mais verdade caso as pessoas se juntem neste pensamento partilhado, com aqueles que elas respeitam como peritos nas matérias da condição humana ou que julgam sábios (Baltes, 2004; Staudinger et al., 1997), sendo que os sujeitos com altos níveis de sabedoria podem obter o papel de mentores na aquisição da sabedoria. Por outro lado, os indivíduos que interagem mais frequentemente com pessoas menos sábias terão mais dificuldades em desenvolver um nível elevado de capacidades relacionadas com a sabedoria (Baltes, 2004).

Baltes, Kunzmann, Staudinger, Pasupathi, Glück e Stange (1998-2000), indagaram sob que circunstâncias a sabedoria se relaciona com o conhecimento reflectido no comportamento

das pessoas, como elas lidam com os problemas incertos da vida e interagem com os outros. A aptidão emocional, espelhada pelo nível de reactividade, regulação e reflexão emocional, é mais verosímil de ser um factor que pode facilitar ou não a tradução da sabedoria relacionada com o conhecimento nas nossas acções diárias.

Por fim, Ardelt (1997, 2000a, 2004) no seu estudo conclui que a correlação entre a sabedoria e a satisfação com a vida na idade adulta é relativamente elevada (.76 para as mulheres e .70 para os homens). A autora (2000b) diz que, enquanto o conhecimento intelectual capacita o adulto idoso a permanecer envolvido nos seus afazeres, a sabedoria relacionada com o conhecimento ajuda-o a preparar o seu declínio físico e social e a ultimar a sua própria morte. Como estes dois tipos de conhecimento são distintos, a autora fez uma comparação dos dois, segundo os objectivos, a perspectiva, o campo, a aquisição e efeitos do conhecimento e a relação com o envelhecimento (ver Ardelt, 2000b). Contudo, os dois tipos de conhecimento levam tempo a adquirir e têm tendência a aumentar com a idade (Ardelt, 2000b). As pessoas sábias estão aptas a aceitar tanto o lado positivo como o negativo da realidade e estão satisfeitas com as suas vidas não só porque se concentram nos aspectos positivos, mas também porque têm consciência de, e aceitam a realidade do momento presente (Ardelt, 2004), isto é, elas podem enfrentar situações difíceis, como as alterações físicas e sociais que assistem a idade adulta.

#### A Sabedoria e a Ansiedade Face à Morte

Embora, uma relação entre a Sabedoria e a Ansiedade face à Morte (AFM) seja evidenciada na literatura, esta ainda não foi abordada. Erikson (in Nehrke, Bellucci & Gabriel, 1977-78; Tomer, Eliason & Smith, 2000; Vandenplas-Holper, 2000) pensa a sabedoria como o resultado da solução de crises finais, que ocorrem na idade adulta quando a pessoa enfrenta a sua morte ou o processo de morrer. Este confronto com a morte e o morrer, pode resultar quer em desespero, quer em integridade, significando esta última a capacidade do indivíduo para aceitar o encerramento da vida (Kunzmann & Stange, 2007). Para que o indivíduo alcance a integridade, ele tem de aceitar as limitações, as contradições e as incertezas da vida (Erikson, in Ardelt, 2003). No estudo de Berlim, Baltes e colaboradores advogam que a sabedoria precisa de conhecimentos acerca da natureza da vida humana (abrangendo as suas limitações e a sua finitude), para se aceitar a inevitabilidade da própria morte (Tomer et al., in Santos, 2004).

Tornstam (in Orwoll & Achenbaum, 1993) vê a sabedoria como um deslocamento numa meta a partir de uma visão materialista e racional para algo cósmico e transcendente. Este deslocamento acarreta mudanças e diminui a centração no próprio e o medo da morte, num sentido profundo de comunicação espiritual, redefinição do tempo e do espaço e aumento da actividade meditativa. Encontramos nesta definição, a relação da sabedoria com uma dimensão da AFM: a Inexistência ou Transcendência.

Segundo Tomer e Eliason (1996, 2000) a aceitação da morte é vista como um atributo da sabedoria, onde a pessoa sábia, ao ter poucos projectos pendentes, sente que a sua vida teve significado e aceita a morte. Caso contrário, o sujeito vê a sua vida como um desperdício.

Webster (in Webster & McCall, 1999), também verificou um aumento linear na preparação para a morte, sugerindo que os adultos idosos pensam e falam mais sobre esta do que os jovens adultos. Além disso, os adultos idosos ao confrontarem-se com a sua própria morte tentam dar-lhe um sentido, um significado, um propósito e uma identidade. A investigação mostrou também que a Reminiscência e Reflexividade e a construção de autobiografias são vistas como mecanismos de  *coping*  na AFM, e constituem respostas individuais para aumentar a saliência da morte. A reminiscência, ao promover a integração de conflitos passados e ser relevante ao sujeito com uma grande experiência de vida e que espera o fim (Butler, in Tomer & Eliason, 1996, 2000), é proposta como um mecanismo para alcançar a integridade do ego.

Wong e Watt (in Tomer & Eliason, 2000) reportam que o sucesso do envelhecimento se associa com a reminiscência integrativa (equivalente à revisão de vida) e instrumental (percepção subjectiva da competência e continuidade), mas não com a reminiscência obsessiva (que evidencia sentimentos de culpa e mágoa sobre o passado). Por fim, Morin (in Santos, 2004) diz que a velhice se acompanha de uma sabedoria contemplativa e promove ao idoso um melhor entendimento da vida e da morte. Como o avançar da idade nos aproxima da morte, é normal que os idosos encontrem em si os recursos necessários para lidar com a ansiedade que esta acarreta.

Em suma, podemos ainda encontrar evidências desta relação entre os constructos, numa fonte de sabedoria: os ditados populares, “Quando um velho morre, é uma biblioteca que arde!” (ditado popular africano).

## Referências

- Ardelt, M. (1997). Wisdom and life satisfaction in old age. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, 52B(1), 15-27. Consultado a 25 de Abril de 2008, através do site [http://www.clas.ufl.edu/users/ardelt/Wisdom\\_and\\_life\\_satisfaction\\_in\\_old\\_age.pdf](http://www.clas.ufl.edu/users/ardelt/Wisdom_and_life_satisfaction_in_old_age.pdf)
- Ardelt, M. (2000a). Antecedents and effects of wisdom in old age: A longitudinal perspective on aging well. *Research on Aging*, 22(4), 360-394. Consultado a 25 de Abril de 2008, através do site <http://www.clas.ufl.edu/users/ardelt/Antecedents%20and%20effects%20of%20wisdom%20in%20old%20age.pdf>
- Ardelt, M. (2000b). Intellectual versus wisdom-related knowledge: The case for a different kind of learning in the later years of life. *Educational Gerontology*, 26, 771-789. Consultado a 2 de Fevereiro de 2008, através do site <http://www.clas.ufl.edu/users/ardelt/Intellectual%20versus%20wisdom-related%20knowledge.pdf>
- Ardelt, M. (2003). Empirical assessment of a Three-Dimensional Wisdom Scale. *Research on Aging*, 25(3), 275-324. Consultado a 25 de Abril de 2008, através do site <http://www.clas.ufl.edu/users/ardelt/Empirical%20assessment%20of%20the%203D-WS.pdf>
- Ardelt, M. (2004). Wisdom as expert knowledge system: A critical review of a contemporary operationalization of an ancient concept. *Human Development*, 47; 257-285. Consultado a 25 de Abril de 2008, através do site <http://www.clas.ufl.edu/users/ardelt/Wisdom%20as%20expert%20knowledge%20system.pdf>
- Baltes, P. (2004). *Wisdom as orchestration of mind and virtue*. Max Planck Institute for Human Development, Berlin. (book in preparation). Consultado a 12 de Novembro de 2007, através do site [http://library.mpib-berlin.mpg.de/ft/pb/PB\\_Wisdom\\_2004.pdf](http://library.mpib-berlin.mpg.de/ft/pb/PB_Wisdom_2004.pdf)
- Baltes, P., & Kunzmann, U. (2004). The two faces of wisdom: Wisdom as a general theory of knowledge and judgment about excellence in mind and virtue vs. wisdom as everyday

realization in people and products. *Human Development*, 47, 290-299. Consultado a 24 de Janeiro de 2008 através do site <http://content.karger.com/ProdukteDB/produkte.asp?doi=10.1159/000079156>

Baltes, P., Kunzmann, U., Staudinger, U., Pasupathi, M., Glück, J., & Stange, A. (1998-2000). Research project 2 – wisdom: The integration of mind and virtue in development. *Max Planck Institute for Human Development*, Berlin, 137-140.

Baltes, P., & Smith, J. (2008). The fascination of wisdom: Its nature, ontogeny, and function. *Perspectives on psychological science*, 3(1), 56-64. Consultado a 26 de Setembro de 2008, através do site <http://www3.interscience.wiley.com/journal/119422849/abstract>

Baltes, P., & Staudinger, U. (1993). The search for a psychology of wisdom. *Psychological Science*, 2(3), 75-80. Consultado a 11 de Novembro de 2007, através da base de dados da EBSCO.

Baltes, P., & Staudinger, U. (2000). Wisdom: A metaheuristic (pragmatic) to orchestrate mind and virtue toward excellence. *American Psychologist*, 55(1), 122-136

Baltes, P., Staudinger, U., & Lindenberger, U. (1999). Lifespan psychology: Theory and application to intellectual functioning. *Annual Reviews Psychology*, 50, 471-507. Consultado a 18 de Dezembro de 2007, através da base de dados da B-ON.

Baltes, P., Staudinger, U., Maercker, A. & Smith, J. (1995). People nominated as wise: A comparative study of wisdom-related knowledge. *Psychology and Aging*, 10(2), 155-166.

Coleman, P., & O'Hanlon, A. (2004). *Ageing and development: Theories and research*. Oxford: University.

Denney, N., Dew, J., & Kroupa, S. (1995). Perceptions of wisdom: What is it and who has it? *Journal of Adult Development*, 2(1), 37-47.

- Fonseca, A. (2006). *O envelhecimento – uma abordagem psicológica* (2ª ed.). Lisboa: Universidade Católica.
- Glück, J., & Baltes, P. (2006). Using the concept of wisdom to enhance the expression of wisdom knowledge: Not the philosopher's dream but differential effects of developmental preparedness. *Psychology and Aging*, 21(4), 679-690. Consultado a 11 de Novembro de 2007, através da base de dados da EBSCO.
- Glück, J., McAdams, D., Bluck, S., & Baron, J. (2005). The wisdom of experience: Autobiographical narratives across adulthood. *International Journal of Behavioral Development*, 29(3), 197-208. Consultado a 11 de Novembro de 2007, através da base de dados da EBSCO.
- Happé, F., Brownell, H., & Winner, E. (1998). The Getting of Wisdom: Theory of mind in old age. *Developmental Psychology*, 34(2), 358-362.
- Kunzmann, U., & Stange, A. (2007). Wisdom as a classical human strength: Psychological conceptualizations and empirical inquiry. In A. Ong, & M. Dulmen (Eds). *Oxford handbook of methods in positive psychology* (pp. 306-322). Oxford: Oxford University.
- Marchand, H. (1998). Wisdom: A case of high level of human performance concerning the contextual and pragmatic features of everyday functioning. In C. Quelhas, & F. Pereira (Eds.), *Cognition and Context* (pp. 367-380). Lisboa: ISPA.
- Marchand, H. (2005a). *A idade da sabedoria – maturidade e envelhecimento*. Porto: Ambar.
- Marchand, H. (2005b). *Psicologia do adulto e do idoso*. 2ª ed, Coimbra: Quarteto.
- Nehrke, M., Bellucci, G., & Gabriel, S. (1977-78). Death anxiety, locus of control and life satisfaction in the elderly: Toward a definition of ego-integrity. *Omega*, 8(4), 359-368).

- Oliveira, J. (2006). Espiritualidade, sabedoria e sentido da vida nos idosos. *Psychologica*, 42, 133-145.
- Orwoll, L., & Achenbaum, A. (1993). Gender and the development of wisdom. *Human Development*, 36, 274-296.
- Santos, S. A. (2004). *A influência da idade, da institucionalização, do gênero e da religião sobre a ansiedade face à morte em idosos* (Monografia de Licenciatura em Psicologia Clínica). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Smith, J., & Baltes, P. (1990). Wisdom-related knowledge: Age/cohort differences in response to life-planning problems. *Development Psychology*, 26(3), 494-505.
- Staudinger, U., & Baltes, P. (1996). Interactive minds: A facilitative setting for wisdom-related performance? *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(4), 746-762. Consultado a 18 de Dezembro, de 2007, através da base de dados da EBSCO.
- Staudinger, U., Lopez, D., & Baltes, P. (1997). The Psychometric location of wisdom-related performance: Intelligence, personality and more? *Personality and Social Psychology Bulletin*, 23(11), 1200-1214.
- Staudinger, U., Maciel, A., Smith, J., & Baltes, P. (1998). What predicts wisdom-related performance? A first look at personality, intelligence, and facilitative experiential contexts. *European Journal of Personality*, 12, 1-17. Consultado a 24 de Janeiro de 2008 através do site <http://www3.interscience.wiley.com/journal/4496/abstract>
- Sternberg, R. (1985). Implicit theories of intelligence, creativity, and wisdom. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49(3), 607-627. Consultado a 18 de Dezembro de 2007, através da base de dados da EBSCO.
- Sternberg, R. (2004). Words to the wise about wisdom? A commentary on Ardelt's critique of Baltes. *Human Development*, 47, 286-289. Consultado a 21 de Fevereiro de 2008 através

do site <http://content.karger.com/ProdukteDB/produkte.asp?Aktion=ShowFulltext&ArtikelNr=79155&Ausgabe=230255&ProduktNr=224249>

Sternberg, R. (2005). Older but not wiser? The relationship between age and wisdom. *Ageing International*, 30(1), 5-26. Consultado a 11 de Novembro de 2007, através da base de dados da B-ON.

Takahashi, M., & Bordia, P. (2000). The concept of wisdom: A cross-cultural comparison. *International Journal of Psychology*, 35(1), 1-9. Consultado a 7 de Novembro de 2007, através da base de dados da EBSCO.

Takahashi, M., & Overton, W. (2002). Wisdom: A culturally inclusive development perspective. *International Journal of Behavioral Development*, 26(3), 269-277. Consultado a 9 de Novembro de 2007, através da base de dados da EBSCO.

Tomer, A., & Eliason, G. (1996). Toward a comprehensive model of death anxiety. *Death Studies*, 20, 343-365. Consultado a 1 de Novembro de 2007, através da base de dados da EBSCO.

Tomer, A., & Eliason, G. (2000). Attitudes about life and death: Toward a comprehensive model of death anxiety. In A. Tomer (Ed.) *Death attitudes and the older adult* (pp.3 - 21) Philadelphia, PA: Brunner-Routledge.

Tomer, A., Eliason, G., & Smith, J. (2000). The structure of the Revised Death Anxiety Scale in young and old adults. In A. Tomer (Ed.), *Death attitudes and the older adult* (pp.109-121). Philadelphia, PA: Brunner-Routledge.

Vandenplas-Holper, C. (2000). *O Desenvolvimento psicológico na idade adulta e durante a velhice (maturidade e sabedoria)*. Porto: Edições Asa.

- Webster, J. D. (2003). An exploratory analysis of a Self-Assessed Wisdom Scale. *Journal of Adult Development, 10*(1), 13-22. Consultado a 11 de Novembro, de 2007, através da base de dados da B-ON.
- Webster, J. D. (2007). Measuring the character strength of wisdom. *Int'l J. Aging and Human Development, 65*(2), 163-183.
- Webster, J. D., & McCall, M. (1999). Reminiscence functions across adulthood: A replication and extension. *Journal of Adult Development, 6*(1), 73-85. Consultado a 11 de Novembro, de 2007, através da base de dados da B-ON.
- Wink, P., & Helson, R. (1997). Practical and Transcendent Wisdom: Their nature and some longitudinal findings. *Journal of Adult Development, 4*(1), 1-15.